

# As servinas em Portugal: a rede comercial intercontinental de livros impressos na Bahia colonial

*Pablo Antonio Iglesias Magalhães\**

## RESUMO

O presente artigo investiga as origens e o funcionamento de uma rede comercial ultramarina de livros impressos na Bahia pela Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva, a primeira imprensa particular do Brasil. A pesquisa identifica quais os impressos baianos que foram disponibilizados em Portugal e quem foram os livreiros que, no Reino, constituíam a outra ponta do negócio dos livros ultramarinos.

**Palavras-chave:** Manoel Antonio da Silva Serva; servinas; imprensa na Bahia colonial.

## ABSTRACT

This paper investigates the origins and the workings of an intercontinental trading network of books printed in colonial Bahia at the printing-house of Manoel Antonio da Silva Serva, the first Brazilian private press. The research identifies the Bahian books that reached Portugal, and who were the Portuguese booksellers who constituted the other end of the business.

**Keywords:** Manoel Antonio da Silva Serva; servinas; press in colonial Bahia.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X0173212>

O artigo foi recebido em 15 de Setembro de 2015 e aceito em 20 de Março de 2016.

\* Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) Barreiras, BA, Brasil. E-mail: [pimagalhaes@yahoo.com.br](mailto:pimagalhaes@yahoo.com.br). Professor Adjunto II de História do Brasil e História Ibérica na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). E-mail: [pimagalhaes@yahoo.com.br](mailto:pimagalhaes@yahoo.com.br).

Servinas é um neologismo criado pelo bibliógrafo baiano Renato Berbert de Castro para designar o conjunto de impressos da Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva e dos seus descendentes. Berbert de Castro (1924-1999) publicou em 1969 o notável livro *A primeira imprensa da Bahia e suas publicações: tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva (1811-1819)*, que se tornou referência na História da Imprensa no Brasil, constituindo-se no primeiro catálogo de uma tipografia brasileira. A Tipografia de Serva imprimiu livros e jornais 1811 e 1846, funcionando ininterruptamente por 35 anos. O objetivo deste artigo é demonstrar a existência, na sua primeira fase (1811-1819), de uma rede de distribuição de livros impressos na Bahia nas principais cidades portuguesas. Até o presente, a História do Livro no Brasil investiga a entrada de impressos europeus na colônia, ignorando que houve um movimento contrário na década que antecedeu a Independência, com a entrada em Portugal de livros produzidos na Impressão Régia do Rio de Janeiro e na Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva.

A história da imprensa na Bahia, bem como das outras antigas capitanias, ainda possui muitas questões para serem investigadas. A Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva apresenta, em seus aspectos políticos e literários, elementos que merecem o aprofundamento das pesquisas históricas. Foi criada na cidade do Salvador em maio de 1811, constituindo-se — descontando a clandestina oficina de Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro em 1747 — na primeira oficina tipográfica particular com objetivos comerciais no Brasil. A Impressão Régia no Rio de Janeiro já havia sido estabelecida em abril de 1808, mas boa parte da sua produção era custeada pelo erário régio. A Silva Serva, por outro lado, era um empreendimento comercial e sua produção teve por fim o lucro auferido com os livros impressos na própria Bahia.

A Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva já foi contemplada com alguns estudos que revelam muito sobre aquele empreendimento e os mais de 140 impressos oriundos dos seus prelos, num período de oito anos. O mais importante estudo foi realizado por Renato Berbert de Castro, *A primeira imprensa da Bahia e suas publicações*, editado pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia em 1968, trazendo em apenso um valioso catálogo das obras publicadas na primeira fase da Silva Serva (1811-1819).<sup>1</sup> O livro de Marcello e Cybelle Ipanema também apresenta preciosas informações, publicando documentos inéditos sobre a trajetória de Manoel Antonio da Silva Serva.<sup>2</sup> Ainda deve-se destacar o estudo de Maria Beatriz Nizza da Silva sobre a *Idade d'Ouro do Brasil*, a primeira gazeta impressa na Bahia. Um dos mais

<sup>1</sup> CASTRO, Renato Berbert de. *A primeira imprensa da Bahia e suas publicações: tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva, 1811-1819*. Bahia: Imprensa Oficial, 1969. Ver: MAGALHÃES, Pablo. Adendo ao Catálogo de Livros Impressos na Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva (1811-1819): Complemento ao livro *A Primeira Imprensa na Bahia e suas publicações* de Renato Berbert de Castro (1969). *Livro — Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, São Paulo, 2016, v. 6, p. 329-352.

<sup>2</sup> IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle. *A tipografia na Bahia: documentos sobre sua origem e o empresário Silva Serva*. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1977.

respeitáveis estudiosos da História do Livro no Brasil, Rubens Borba de Moraes, dedicou às publicações do Silva Serva um capítulo do seu *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Em 2009, foi revelada a existência de uma *Arte da grammatica portugueza* impressa ainda em 1811 pela Silva Serva, demonstrando o quanto a capacidade da sua tipografia estava sendo subestimada, visto que o referido livro, até então desconhecido, foi publicado ainda no primeiro ano do seu funcionamento, contando 148 páginas.<sup>3</sup> Em 2014, foi publicado o livro *Um tipógrafo na colônia*, pelo jornalista Leão Serva, apresentando novos elementos da biografia de Manoel Antonio da Silva Serva.

Apesar dos estudos apontados, permanecem questões a serem investigadas e que remetem ao funcionamento da Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva, bem como dos seus herdeiros. Estes são praticamente ignorados pela História do Livro no Brasil, exceto por um pequeno catálogo organizado por Ana Virgínia Teixeira da Paz Pinheiro, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, para celebrar o bicentenário da fundação da imprensa na Bahia, que traz algumas indicações das obras saídas dos prelos dos herdeiros do Silva Serva existentes no acervo de obras raras da referida instituição.<sup>4</sup> Segue uma tabela que apresenta os recortes cronológicos das fases da Silva Serva:

**Tabela 1.** Evolução Histórica da Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva

I	Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva ou Tipografia de M. A. da Silva Serva	1811-1819
II	Tipografia da Viúva Serva, e Carvalho	1819-1827
II	Tipografia da Viúva Serva e Filhos	1827-1833
IV	Impressão da Viúva Serva	1829
V	Tipografia da Viúva Serva	1833-1837
VI	Tipografia da Aurora, de Serva e comp. ou tipografia de Serva e Comp.	1836-1838
VII	Tipografia Imperial e Constitucional de Viúva Serva	1838-1840
VIII	Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva (filho)	1838-1840
IX	Tipografia Imperial e Constitucional de Manoel Antonio da Silva Serva ou Tipografia de M. A. da S. Serva	1841-1846

Berbert de Castro denominou de servinas ao conjunto das obras saídas dos prelos da Silva Serva, nas suas diversas fases indicadas acima. Acerca da Tipografia na Bahia, em seu primeiro período, foi Borba Moraes quem chamou a atenção para uma questão importante:

<sup>3</sup> MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias. A palavra e o Império: a propósito de uma Arte da Grammatica impressa na Bahia em 1811. *Anais de História de Além-Mar*, CHAM, Lisboa, v. X, p. 231-250, 2009. Disponível em: <[run.unl.pt/bitstream/10362/15891/1/AHAM%20X%20\(2009\).pdf](http://run.unl.pt/bitstream/10362/15891/1/AHAM%20X%20(2009).pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

<sup>4</sup> PINHEIRO, Virgínia Teixeira da Paz. *A Typographia Silva Serva na Biblioteca Nacional catálogo de livros raros*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.bn.br/porta/arquivos/pdf/silvaserva2.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

Não sabemos se a tipografia da Bahia lhe dava, no final das contas, bons lucros. A Idade d'Ouro não os dava. Nunca chegou a obter mais de cento e tantas assinaturas apesar dos apelos que fazia ao público em anúncios. Aconteceu a Silva Serva o mesmo que acontece a todo o editor que não dispõe de grandes somas, ou de crédito a longo prazo. Empatado o capital na impressão de um livro, o dinheiro só retorna à medida que é vendido, e isso leva, às vezes, anos seguidos. A solução é aumentar o número de títulos publicados de maneira a aumentar também as entradas de dinheiro. O capital, procurou obtê-lo do governo que, pelo alvará de 28 de abril de 1808, prometia auxílio às novas indústrias que se fundassem no Brasil.<sup>5</sup>

A solução de imprimir mais títulos, na prática, não está de acordo com a realidade da Tipografia Silva Serva porque, em 1812, imprimiu 24 títulos, mas entre 1813 e 1815 os números gravitaram em torno de apenas oito a dez títulos anuais. O empresário conseguiu em 1815 um empréstimo de quatro contos de réis junto ao governo, pagáveis à razão de quatrocentos mil réis por ano, com cinco anos de carência. Só em 1816, por conta do empréstimo, o número de títulos publicados voltou a crescer. Isto, contudo, era paliativo e não resolvia os problemas da baixa vendagem.

Havia, não obstante, uma terceira solução, que Borba Moraes não percebeu, para os problemas de vendas: criar uma rede comercial que disponibilizasse seus livros nas principais cidades de Portugal. Isto passou despercebido por todos os estudiosos do Silva Serva, mas o que chamou minha atenção, na condição de bibliófilo, antes de historiador, foi o fato de que atualmente é mais fácil adquirir os raros impressos do Silva Serva em alfarrabistas portugueses e norte-americanos do que nos poucos livreiros baianos, onde, aliás, nunca encontrei nenhum exemplar. A própria *Arte da grammatica portugueza* publicada em 1811, de Pedro José de Figueiredo, então desconhecida, ilustra bem isto, pois o único exemplar conhecido foi encontrado em Lisboa. Os quatro exemplares da mesma obra, mas datados de 1817, existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa, enquanto não há exemplares em bibliotecas públicas ou coleções privadas no Brasil, indicam que havia um fluxo contínuo das servinas para o Reino.

A princípio, pensava que alguns exemplares das obras impressas na Bahia foram parar na Europa por alguma eventualidade, seja por algum viajante mais curioso, ou por um médico ou professor que estivesse de passagem pela referida capitania na segunda década do século XIX. Ledo engano. Foi estabelecida uma rede comercial intercontinental de livros.

Havia mercado para livros na Bahia nos primeiros anos do século XIX? Claro que havia! Havia em todas as capitanias! Os historiadores do livro, contudo, parecem exagerar sobre a circulação de impressos na colônia. Decerto havia mercado para todos os gostos e gêneros literários e até mesmo para os livros que figuravam no *Index Librorum Prohibitorum* ou

<sup>5</sup> MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: SCCT, 1979, p. 134-135.

que eram censurados pelo Desembargo do Paço, por divulgarem os abomináveis princípios franceses ou confissões heréticas.<sup>6</sup> O próprio catálogo mandado imprimir pelo Silva Serva na Impressão Régia do Rio de Janeiro em 1811 dá uma dimensão da riqueza e variedade de livros disponíveis para os leitores coloniais. Mas cada título deveria ter números muito tímidos, dificilmente ultrapassando uma dezena de exemplares disponíveis. O mercado colonial absorvia a variedade de títulos, mas não uma grande quantidade do mesmo título. A solução encontrada por Manoel Antonio da Silva Serva foi vender parte da sua produção fora da Bahia.

Mesmo os estudos mais atuais sobre a circulação de livros no espaço Atlântico, sua recepção na América portuguesa e as práticas de leitura colonial, feitos por historiadores do livro e da leitura, a exemplo de Márcia Abreu, Lúcia Maria Bastos Neves, Tânia Bessone e Luiz Carlos Villalta, não perceberam essa inversão de polaridade nos caminhos dos livros. Todos os estudos que contemplam o período colonial observaram apenas a introdução dos livros europeus no Brasil, não registrando que por uma década, politicamente decisiva, os impressos da Tipografia de Serva foram sistematicamente remetidos para Portugal.<sup>7</sup> Márcia Abreu, não obstante, identificou duas listas enviadas à Mesa do Desembargo do Paço em 1819 com pedidos de remessas de livros para Angola e para a Índia portuguesa, feitas por João Pedro da Veiga e Barros, nas quais se encontravam, dentre outras, obras impressas na Tipografia de Serva, a exemplo da edição de *Palafox em Saragoça* (1812) e *Gloria de Portugal* (1811).<sup>8</sup>

É conhecido dos estudiosos da imprensa no Brasil de que, na Corte fluminense, “a loja de Manuel Joaquim da Silva Porto vendeu (...) obras publicadas na Bahia cuja tipografia continuou sob o comando da viúva Serva”.<sup>9</sup> Mesmo o Rio de Janeiro, entretanto, também não parecia suficiente para absorver rapidamente o volume de livros impressos na Bahia entre 1811 e 1819. Por essa razão, montar uma oficina tipográfica exigiu do empresário Silva Serva criar também uma rede que propagasse sua mercadoria para além da colônia, o que obviamente também aumentava o alcance na disseminação das ideias veiculadas nas suas publicações. Investigar essa rede de comerciantes de livros ultramarinos é o objetivo deste artigo, visto que permaneceu completamente ignorada. A existência dessa rede indica, até mesmo, que a Tipografia de Serva constituía, na longínqua capitania do Atlântico sul, parte de um projeto polí-

<sup>6</sup> SERVA, Manuel Antonio da Silva. *Noticia do Catalogo de Livros, que se achão a venda em Casa de Manoel Antonio da Silva Serva na Rua de S. Pedro n. 17 o qual por hum commodo preço, como abaixo declara, attendendo a demorar-se muito pouco tempo nesta Corte*. Rio de Janeiro: Impressão Regia, 1811.

<sup>7</sup> ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori (Org.). *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas: Unicamp/IEL/Setor de Publicações, 2014; VILLALTA, L. C. *Usos do livro no mundo luso-brasileiro sob as Luzes: reformas, censura e contestações*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

<sup>8</sup> ABREU, Márcia. Os Lugares dos Livros — Comércio Livreiro no Rio de Janeiro Joanino. *Floema — Caderno de Teoria e História Literária*, Vitória da Conquista, ano III, n. 5 A, p. 7-30, out. 2009.

Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/127/291>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

<sup>9</sup> IPANEMA, Cybelle; IPANEMA, Marcello de. *Silva Porto: livreiro na corte de D. João, editor na independência*. Rio de Janeiro: Capivara, 2007, p. 60.

tico mais ambicioso, de cariz liberal e constitucional, que possuía sua contraparte no centro de Lisboa: a livraria do opulento comerciante Manoel José da Silva Serva. Esse personagem foi completamente negligenciado pelos estudiosos da Tipografia de Serva.

Em 1815 foi publicado na *Gazeta de Lisboa* que “Pretende-se hum official de Compositor habil, e que tenha luzes de Torcolo, e queira ir para a Tipographia da Bahia; o que quizer dirija-se ao Rocio N.º 83 segundo andar”.<sup>10</sup> O que havia no Rossio nº 83 que poderia ligar-se a Manoel Antonio da Silva Serva? Existia no primeiro andar uma “Livraria de Letrado” que foi vendida em 1822, mas no segundo andar encontrava-se o “negociante Manoel José da Silva Serva”.<sup>11</sup> Não há documentos que comprovem, mas pode tratar-se de um irmão de Manoel Antonio da Silva Serva.<sup>12</sup> Teófilo Braga afirmou que Manoel José da Silva Serva foi um “negociante e accionista do Contracto do Tabaco, conhecido pedreiro [livre], grande protector de Pato Moniz. À morte de uma filha d’este maçõn, D. Firmina, fez um Poema, o Moniz, que intitulou *A Aparição*”.<sup>13</sup> Pato Moniz, notório pedreiro-livre, já havia dedicado ao seu protetor uns versos impressos em 1811.<sup>14</sup> Manoel José da Silva Serva possuía o nome iniciático de Ciro e era o Tesoureiro do Grande Oriente Lusitano (G.O.L.), que exercia influência também sobre algumas lojas e pedreiros-livres no Brasil. O poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805) menciona Manoel José numas quadras postumamente publicadas:

<sup>10</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 208, Segunda-feira, 4 de setembro de 1815, p. 4. Torcolo é uma variante da palavra tórculo, que significa prensa ou prelo.

<sup>11</sup> Suplemento ao n. 53 do Diário do Governo. Segunda-Feira, 4 de março de 1822, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 2.

<sup>12</sup> Manoel José da Silva Serva foi casado com Delfina Efigênia Serva Braga. Tiveram dois filhos: Vicente José da Silva Serva e Firmina Carlota da Silva Serva. Firmina casou-se com Antonio José Gonçalves Serva, mas faleceu muito jovem, em 1817. O poeta Pato Moniz lhe dedicara duas obras: Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. *Versos consagrados á saudosa memoria da senhora d. Firmina Carlota da Silva Serva e offerecidos pela amizade a seu esposo, o senhor Antonio José Gonçalves Serva, e a seu pai, o senhor Manoel José da Silva Serva*. Lisboa: 1817; *A Aparição: poema elegiaco em quatro cantos, consagrado á memoria da senhora D. Firmina Carlota da Silva Serva*. Lisboa, na Imp. Regia 1818. 8ª de 64 pag. Dona Carlota possuía livros impressos pela Silva Serva. A Fólio Rare Books ofereceu por R\$ 2.000,00 um exemplar das *Visitas ao Santissimo Sacramento, e a Maria Santissima para todos os dias do mez: acto de preparação, e de acção de graças para a Sagrada Communhão: modo de rezar a Coroa das Dores da Senhora e actos, que deve fazer o Christão todos os dias. Novamente acrescentado nesta impressão com a devoção ao Santissimo Sacramento para a Hora e Dia em que foi instituido; varias jaculatorias ao mesmo Senhor; methodo de ouvir perfeitamente Missa; e modo para acompanhar o Santissimo Sacramento na occasião que vai aos Enfermos*. Bahia: Na Typ. De Manoel Antonio da Silva Serva, Anno de 1816. Com as licenças necessarias. 261p. A bela encadernação traz o nome completo de Carlota Serva. MARQUES, António Henrique R. de Oliveira. *História da maçonaria em Portugal: das origens ao triunfo*. Lisboa: Editorial Presença, 1990, v. 1, p. 87 e 191. Oliveira Marques, respeitado historiador da maçonaria portuguesa, aponta o negociante Manuel José da Silva Serva, sob o nome maçônico de Ciro, como membro daquela sociedade iniciática.

<sup>13</sup> BRAGA, Teófilo. *Bocage, sua vida e época litteraria*. Lisboa: Livraria Chardron, successores Lello & irmão, 1902, p. 420.

<sup>14</sup> MONIZ, Nuno Pato. *Versos que à memória, e aos amigos de Victorino José Leite; com particularidade ao senhor Manoel José da Silva Serva/N. A. P. P. M.* Lisboa: na Impressão Regia, 1811.

És da Ethérea attenção primario objecto,  
 Tu, que presides ao fervor Sagrado;  
 Tu, Magnanimo Silva, em cujo peito  
 O character da gloria está gravado.

E tu de mal fadados meigo asillo,  
 Tu moral cópia d'elle amavel Serva,  
 A quem na Eternidade hum gráo sublime,  
 Entre os amigos do homem se reserva.

E vós iguaes na fé, no ardor, no extremo,  
 Aos dois egregios peitos, que decanto,  
 Viannas, e os demais, em quem se apura  
 De Homens, e Numes, o Commercio Santo.<sup>15</sup>

Manoel José teve ativa participação na Revolução Liberal que varreu Portugal em 1821. É notável que os intelectuais maçons gravitassem em torno tanto de Manoel José da Silva Serva, em Lisboa, quanto de Manoel Antonio da Silva Serva, na Bahia, a exemplo do jornalista Ignacio José de Macedo, do inconfidente Diogo Soares da Silva e Bivar, do professor José Francisco Cardoso de Moraes, do médico Manoel José Henrique Paiva e de José da Silva Lisboa (maçom que supostamente abjurou, tornando-se contrário àquela sociedade).<sup>16</sup> Certo é que a família Serva inteira permaneceu envolvida na causa liberal e constitucional em Portugal. O genro de Manoel José, Antonio José Gonçalves Serva, viúvo de dona Firmina Carlota, militou nas guerras contra o absolutismo miguelista e foi recompensado por D. Pedro I com o cargo vitalício de administrador da alfândega da Vila de Setúbal, a 28 de setembro de 1833.<sup>17</sup> Manoel José da Silva Serva não teve a mesma sorte e morreu antes do fim da guerra pela coroa de Portugal. Foi preso em 1823 quando a reação absolutista teve início e não foi possível encontrar mais notícias sobre ele.<sup>18</sup> No jornal *A Matraca* está registrada a seguinte informação:

<sup>15</sup> BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. *Obras poeticas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage*: precedido de hum discurso sobre a vida, e escriptos deste poeta por José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Typ. de A. J. da Rocha, 1849, v. 4, p. 235. Ver o Elogio offercido ao Juiz, e mais Festeiros de N. S. da Graça da Carnota.

<sup>16</sup> Acerca de Silva Lisboa e Ignacio de Macedo: MAGALHÃES, Pablo Iglesias. Flores Celestes (1807): O livro secreto de José da Silva Lisboa, o visconde de Cairu. *Revista de Indias*, Madri, v. 73, p. 789-824, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3989/revindias.2013.26>>. Acesso em: 25 abr. 2016; MAGALHÃES, Pablo. Ignacio José de Macedo: da Idade d'Ouro ao Velho Liberal do Douro (1774-1834). *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, v. 108, p. 221-262, 2013. Disponível em: <[http://media.wix.com/ugd/e32957\\_26d995f8f5004b02a60e7af44ff1864f.pdf](http://media.wix.com/ugd/e32957_26d995f8f5004b02a60e7af44ff1864f.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

<sup>17</sup> Chronica Constitucional de Lisboa, n. 60, Quinta-feira, 3 de outubro de 1833, p. 816.

<sup>18</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Intendencia Geral da Policia, Papéis Diversos, 600, 199-200.

Já todos sabem que fallamos de sr. Zé Antonio Par. Este cavalheiro principiou mal sua vida, não sabemos se a acabará bem. Se os manes sepultos do pobre Manoel José da Silva Serva podessem erguer a lousa da campa eterna, elles nos viriam repetir como este homem a principiou, traindo um companheiro jurado com elle em fraternal associação, em lugar de o livrar, sendo ambos réos no sacramento da mesma fé, foi, como juiz, soterrar mais abaixo ainda da espelunca, na enxovia, onde já se achava incommunicável. Isto fez o sr. Zé Antonio, para sumir a cumplicidade (se havia crime) em que elle era co-réo com essa mesma victima, a cujo martirio, não só se lhe não deo de assistir, mas em que até mesmo foi tomar uma parte activa.<sup>19</sup>

Não há mais informações sobre o misterioso Zé Antonio Par, mas a “fraternal associação” em que ambos juraram é uma referência ao Grande Oriente Lusitano. É certo que Manoel José morreu antes de outubro de 1830,<sup>20</sup> em circunstâncias desconhecidas, possivelmente na cidade de Cork, na Irlanda, conforme registrou o obituário de uma revista impressa em Dublin.<sup>21</sup> Permanece, contudo, diversas lacunas na biografia de Manoel José da Silva Serva.

O fato é que havia outro Silva Serva que se liga ao tipógrafo da Bahia, como está comprovado no episódio da busca pelo “compositor habil” em 1815. Negociante rico, ligado aos quadros da maçonaria portuguesa, era, também, um dos proprietários da embarcação Conde das Galveias, que constantemente circulava entre as capitânicas do Atlântico sul e as principais cidades comerciais portuguesas.<sup>22</sup> Manoel José da Silva Serva era a outra ponta do comércio ultramarino de livros, servindo, possivelmente, como redistribuidor dos impressos baianos em Portugal e fazendo-os chegar aos demais livreiros. É necessário, então, identificar quais foram os livros da Tipografia de Serva remetidos para o Reino e, em seguida, apresentar os livreiros que os disponibilizavam.

## No rastro das servinas

Manoel Antonio da Silva Serva precisou, a partir de 1813, estabelecer uma rede de revendedores que escoasse seus impressos baianos em Portugal. O Reino era o melhor lugar para alcançar os lucros desejados. Sua tipografia estava situada numa capitania do Brasil,

<sup>19</sup> *A Matraca. Periódico Moral e Político. Por uma sociedade de litteratos sem refolho*, n. 22, Lisboa, Sábado, 6 de novembro de 1847, p. 83-84.

<sup>20</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 253, Terça-feira, 26 de outubro de 1830, p. 1026.

<sup>21</sup> *The National Magazine — July to December 1830*, v. 1. I. Dublin: William Frederick Wakeman 19, D'Olier Street, 1830, p. 498. No obituário está registrado: "In Cork, Mr. Serva, from Lisbon".

<sup>22</sup> Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Pernambuco, cx. 275, doc. 18.383; Atestado do secretário da Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação, José Acúrsio das Neves, sobre o termo de juramento assinado por José dos Santos Neto declarando ser caixa e interessado com Manoel Teixeira Basto, José Joaquim Barbosa, Joaquim Pedro Genioux e Manoel José da Silva Serva, na propriedade do navio conde das Galveias, de que é mestre Antonio da Fonseca Rosa. Lisboa, 8 de julho de 1812.

mas seus impressos precisavam chegar a Portugal e, até mesmo, a outras partes do império ultramarino.

A chave que permite investigar o comércio metropolitano de livros impressos na Bahia são os periódicos portugueses da época, especialmente a *Gazeta de Lisboa*. Foi este periódico que permitiu rastrear a rede de livreiros que disponibilizava as obras de Silva Serva em Portugal. Não foi possível localizar nenhuma oferta de obras de Manoel Antonio da Silva Serva nas coleções da *Gazeta de Lisboa* entre os anos de 1811 e 1812, encontrando-as somente a partir de meados de 1813, indicando que não houve uma preocupação inicial de exportar seus impressos. Esta prática comercial pode ter sido resultado das baixas vendas na Bahia nos dois primeiros anos de funcionamento.

A *Gazeta de Lisboa* permitiu encontrar seus impressos sendo vendidos em Lisboa, no Porto, em Coimbra e até em Lamego. A primeira oferta que encontramos das servinas data de setembro de 1813 e apresenta uma curiosa lista dos impressos feitos na Bahia entre 1811 e 1812:

Obras ultimamente publicadas, que se vendem na loja de Livros de Antonio Manoel Policarpo da Silva na Arcada do Senado. — **Palafox em Saragoça, Drama, por A. X. F. de A., o qual se representou no Theatro da Rua dos Condes**, preço 320 réis. **Observações sobre a Prosperidade do Estado, pelos Liberaes Principios da Nova Legislação do Brazil**, por José da Silva Lisboa, preço 300 reis. **Observações sobre a Franqueza da Industria e Estabelecimento de Frabricas** (sic) **no Brazil**, por José da Silva Lisboa, preço 240 reis. **Elementos de Osteologia Pratica: por J. S. de C. Lente de operações Cirurgicas na Bahia**, preço 400 réis. **Flores Celestes, colhidas entre os Espinhos da Sagrada Coroa de Jesu Christo**, 8º, preço 400 reis. **Acasos da Fortuna, ou Livro de Sortes divertidas, tiradas com dois dados, com hum methodo do fazer mais de mil decimas, e hum Tratado das Sinas novamente reimpresso**, preço 280 réis.<sup>23</sup>

Todas essas seis obras anunciadas por Antonio Manoel Policarpo da Silva saíram dos prelos da Silva Serva. Não há referência ao local de impressão ou ao tipógrafo, mas examinemos cada uma delas. A primeira, *Palafox em Saragoça, ou a batalha de 10 de agosto do anno de 1808. Drama em tres actos, de A. X. F. de A.*, que esconde as iniciais de Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, foi impressa por Manoel Antonio da Silva Serva em 1812. Teve uma segunda edição lisboeta em 1820, mas como o anúncio data de 1813, logo, não resta dúvida de que estava sendo oferecida a edição baiana. *Os elementos de osteologia pratica*, de José Soares de Castro, também saiu dos prelos da Silva Serva em 1812, sendo o primeiro livro de medicina impresso na Bahia.

Os dois livretos de José da Silva Lisboa, que receberia o título de visconde de Cairu, *Observações sobre a franqueza da industria e estabelecimento de fabricas no Brazil* e *Observações sobre*

<sup>23</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 225. Sábado, 25 de setembro de 1813, p. 7.

a prosperidade do Estado pelos liberaes princípios da nova legislação do Brazil foram impressos no Rio de Janeiro e na Bahia. As edições de Salvador foram publicadas com 55 e 81 páginas, em 1811, respectivamente. É possível saber que se trata da edição baiana por uma questão de nuance. A versão das *Observações sobre a franqueza da industria e estabelecimento de fabricas no Brazil* publicada pela Impressão Régia em 1810 saiu completa em três partes, normalmente oferecida em dois volumes e a edição da Bahia se limitou à primeira parte, que é como está sendo oferecido pela livraria de Policarpo. O valor pedido de 240 réis comprova isto.

A lista ainda oferece o *Flores Celestes, colhidas entre os Espinhos da Sagrada Coroa de Jesu Christo*, que foi investigado em artigo recente, mas que, para resumir, teve uma suposta edição impressa na Silva Serva por um “Cigano da Bahia”.<sup>24</sup> O *Acasos da Fortuna, ou Livro de Sortes divertidas, tiradas com dois dados, com hum methodo do fazer mais de mil decimas, e hum Tratado das Sinas novamente reimpresso*, sequer consta no catálogo de Berbert de Castro, mas penso que foi impresso mesmo pela Silva Serva. O livrinho de Amarilio Amairlis de Amaral foi impresso em 1802 na oficina de Antonio Rodrigues Galhardo e teve mais duas edições pela Impressão Régia de Lisboa em 1813 e 1816. A questão é que nenhum deles tem o título conforme apresentado no anúncio da Gazeta, com o “novamente reimpresso”. Ademais, o livro encontra-se em meio a um conjunto de impressos da Silva Serva. Por essas razões creio que se trata de um livro impresso na Bahia por volta de 1812 e de que, até o presente, não se conhecia qualquer notícia e muito menos algum exemplar.

Antonio Manoel Policarpo da Silva desde janeiro de 1813 já dispunha de outra preciosidade da Silva Serva. O *Jornal de Coimbra* anunciou em janeiro de 1813 que o “**Almanak da Bahia**: vende-se na Loja de Antonio Manoel Polycarpo. Preço 1:200”.<sup>25</sup> Na ocasião em que Berbert de Castro publicou seu catálogo, em 1969, não havia encontrado nenhum exemplar daquela obra para exame, pois não havia em nenhuma biblioteca pública ou coleção privada no Brasil. Procurou também na Biblioteca Nacional de Portugal, sem sucesso. Posteriormente, contudo, encontrou o único exemplar até hoje conhecido, conservado na Academia de Ciências de Lisboa, tirando-lhe uma edição fac-símile em 1973.

Nos anos que se seguem, a lista de servinas oferecidas pelos livreiros portugueses cresceu significativamente. Além do Policarpo da Silva, outras livrarias passaram a disponibilizar os livros. O Mechas colocou à disposição dos leitores portugueses um livrinho com a indicação de que havia sido impresso na Bahia:

Livros que há para vender em casa de F. B. O. de M. o Mechas, na travessa dos Romulares Nº A, junto ao Caes do Sodré. — **Finezas de Jesus Sacramentado, para com os homens, e**

<sup>24</sup> MAGALHÃES, Pablo Iglesias. *Flores Celestes* (1807): O livro secreto de José da Silva Lisboa, o visconde de Cairu, op. cit.

<sup>25</sup> *Jornal de Coimbra*, n. XIII, janeiro de 1813, Lisboa, Na Impressão Regia, p. 116. *Almanach para a Cidade da Bahia Anno 1812*. Bahia: Typ. Manoel Antonio da Silva Serva, [1811]. Reedição fac-similar do Conselho Estadual de Cultura e da Secretaria de Educação e Cultura da Bahia, 1973.

**ingratidões dos homens para com Jesus Sacramentado**; pelo Padre Fr. João José de Santa Thereza, Carmelita descalço, da Congregação de Itália. Nona Edição mais correcta, 8<sup>o</sup>: Bahia 1815, 480 réis.<sup>26</sup>

As livrarias da Viúva Bertrand em Lisboa e a de Costa Paiva no Porto apresentaram uma boa lista com três servinas ainda em 1815.

Na loja de Viuva Bertrand, e Filhos, junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, em Lisboa; e no Porto na de Costa Paiva e Companhia, na rua dos Mercadores N<sup>o</sup> 97 e 98, se achão de venda os livros intitulados: — **Finezas de Jesu Christo para com os homens, e ingratidões dos homens para com Jesus Sacramentado**; 1 vol. em 8<sup>o</sup> 1815: **Manual do Engenheiro, ou elementos de Geometria pratica, de Fortificação, de campanha, etc. traduzida do Francez de Briche** 1 vol, em 4<sup>o</sup> com estampas 1815: **Viola de Lereno, ou Collecção das suas cantigas**, em oito folhetos.<sup>27</sup>

Outro livro bastante conhecido impresso na Silva Serva foi *Parafrase dos Proverbios de Salomão, em Verso Portuguez*, de José Elói Ottoni, de que se supõe haver duas edições, uma em 1813 e outra em 1815. A única indicação da edição de 1813 encontra-se no Catálogo da Biblioteca de Francisco Ramos Paz e dela não se conhece nenhum exemplar. O Catálogo da Viúva Bertrand indica uma edição da *Parafrase* com a data de 1819, mas que, neste caso, trata-se de um erro tipográfico.<sup>28</sup> A edição da *Parafrase* de 1815 é um dos livros mais comuns da Silva Serva e, conforme recentemente revelado, trata-se de uma obra literária de cariz maçônico, ao tempo em que as sociedades maçônicas eram proibidas pela Igreja Católica e observadas com suspeitas pelo governo de Portugal, que a proibiu em 1818.<sup>29</sup> Dez anos depois da sua publicação, em 1825, ainda havia muitos exemplares disponíveis nas livrarias de Portugal.

**A Paráfrase dos Provérbios de Salomão, em verso Portugues**, com o texto Latino ao lado, he hum dos melhores livros para inculcar os sãos princípios da Moral aos Meninos e aos Adultos, pois são as lições da Sabedoria mais adequadas a todas as classes de pessoas para se conduzirem

<sup>26</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 263. Terça-feira, 5 de novembro de 1816, p. 4.

<sup>27</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 255. Sábado, 28 de outubro de 1815, p. 4.

<sup>28</sup> PAZ, Francisco Ramos. *Catálogo da Biblioteca de Francisco Ramos Paz*. Rio de Janeiro: Typ. d' Imparcial, 1920, p. 52. *Catalogo D'alguns Livros, que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros que tem de sortimento, e se vendem na sua loja, Junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N<sup>o</sup> 45, em Lisboa*. Obras Mysticas, e Theologicas; Historia Sagrada, e Ecclesiastica; Sermonario, &c. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1846, p. 11.

<sup>29</sup> MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias. A Parafrase dos Proverbios de Salomão: O código moral dos pedreiros livres impresso na Bahia em 1815. *Revista Portuguesa de História do Livro*, Lisboa, 2015, v. 35-36, p. 369-419.

bem no Commercio do Mundo. Vende-se por 600 reis encadernado na loja de C. A. de Lemos, rua Áurea N. 112; na de J. Henriques, rua Augusta; e na de Carvalho, no Chiado.<sup>30</sup>

Na verdade, na loja da Viúva Bertrand ainda havia exemplares da *Parafrase dos Proverbios de Salomão* disponíveis 31 anos depois de impressos, já no seus Catálogos de 1844 e 1846. Exemplares das *Finezas de Jesus* constam também no Catálogo de 1846. No Catálogo Nº 3 da Viúva Bertrand, de 1838, aparecem ainda os *Tratado de Operações de Banco, ou Directorio de Banqueiros, extrahido dos melhores Authores por Antonio Thomás de Negreiros*; em 4. 1817 — 400 rs. br.<sup>31</sup> O gosto bibliográfico do século XIX estava mais direcionado para obras de literatura, poesia e de cunho científico ou técnico do que livrinhos religiosos. Daí o manual de engenharia *Briche Bahiense*, que teve edições em 1812 e 1815, e os oito folhetos da *Viola de Lerenó* se esgotarem em pouco tempo, enquanto os livros de José Eloi Ottoni e de frei João José de Santa Thereza ficarem encalhados nas prateleiras. A loja da senhora Bertrand ainda possuía para venda um *Manual de Medicina*, impresso na Bahia com as notas de Manuel José Henriques Paiva, mas esse era um livro caro, custando 1\$920 réis, o conjunto com quatro volumes.<sup>32</sup>

Os livros de poesia vendiam bastante também. Em 1816 o Mechas colocou à venda duas obras deste tipo impressas pelo Silva Serva:

Livros que há para vender em casa de F. B. O. de M. o Mechas, na travessa dos Romulares Nº A, junto ao Caes do Sodré á Ribeira Nova: — **Palafox em Saragoça ou a Batalha de 10 de Agosto do anno de 1808, Drama em três actos, por A. X. F. A.**: Bahia 1812, 8º 320 réis br.<sup>33</sup>

Livros que há para vender em casa de F. B. O. de M o Mechas, na travessa dos Romulares Nº 8 A, junto ao Caes do Sodré à Ribeira nova — (N. B.: br. quer dizer, brochura) — (...) — **Marília de Dirceo, por T. A. G., quarta edição**: Bahia 1812, três folhetos 480 réis br.<sup>34</sup>

Do livro de Azevedo já tratamos, mas a *Marília de Dirceu* merece atenção. Tido por quarta edição, esta é, na verdade, a sétima edição da primeira parte, a sexta da segunda parte e a terceira edição da terceira parte, sendo que esta última é apócrifa, falsamente atribuída a Tomás Antonio Gonzaga. *Marília* era um dos *best sellers* da época e a sua vendagem era fácil,

<sup>30</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 188. Sexta-feira, 12 de agosto de 1825, p. 782.

<sup>31</sup> *Catalogo d'alguns livros que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros de sortimento, e se vendem na sua loja, junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, Nº 45, em Lisboa. N. 3.* Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1838, p. 10 e 12

<sup>32</sup> *Catalogo D'alguns Livros, que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros que tem de sortimento, e se vendem na sua loja, Junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, Nº 45, em Lisboa.* Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1846, p. 7, 9 11.

<sup>33</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 309. Segunda-feira, 30 de dezembro de 1816, p. 4.

<sup>34</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 256. Segunda-feira, 28 de outubro de 1816, p. 4.

tanto em Portugal quanto no Brasil, sendo impresso também no Rio de Janeiro na Imprensa Régia. Imprimir a obra do poeta inconfidente era lucro certo para Silva Serva.

Livro que deve ter tido boa saída foi o poema épico intitulado a *Alfonsiada: Poema heroico da fundação da Monarchia Portugueza pelo sr. Rei D. Affonso Henriques*, um in quarto de 278 páginas, com os retratos dos reis D. Afonso Henriques, D. João VI e do autor, o desembargador Lima Leitão, de quem falaremos adiante. Em 1819, o poema de doze cantos escrito em oitava rima estava sendo vendido em Lisboa, no Porto e em Coimbra:

Sahio á luz (impresso na Bahia em 1818): “**Alfonsiada, Poema Heroico da Monarquia Portugueza, etc.**” composto e offerecido a EIRei Nosso Senhor, por Antonio José Ozorio de Pina Leitão, Desembargador da Relação da Bahia.— 1 vol. em 4 com 3 estampas finas, a 1ª de S. M. EIRei N. S., a 2ª do Heroe do Poema o Grande D. Affonso Henriques, e a 3ª do Author. Vende-se por 1200 réis em Lisboa na loja de João Henriques, rua Augusta N.º 1; em Coimbra, na de João Pedro Aillaud; e no Porto, na de António Luiz Barbosa, no largo do Chafariz de S. Domingos.<sup>35</sup>

No ano seguinte, contudo, só havia exemplares disponíveis na capital, na livraria de João Henrique:

Na mesma loja [de João Henrique, rua Augusta N. 1] se vende por 800 réis o **Poema Alfonsiada**, composto e offerecido a EIRei N. S. pelo Desembargador Antonio José Osório de Pina Leitão; 1 vol em 4, com 3 estampas finas, a 1ª de S.M. EIRei Nosso Senhor, a 2ª d’EIRei D. Affonso Henriques, e a 3ª do author do Poema.<sup>36</sup>

Outro livro de poesias impresso por Serva e que circulou bem em Portugal foi *Andrómaca* de Jean Racine com a tradução do Lima Leitão. Manoel Joaquim da Silva Porto deve ter sido o responsável por esse título chegar aos livreiros de Lisboa. Silva Porto havia sido representante comercial de Silva Serva na Corte do Rio de Janeiro e possuía uma livraria em Lisboa, na rua da Quitanda, à esquina da rua de São Pedro,<sup>37</sup> mas não encontrei na *Gazeta de Lisboa* nenhum anúncio de obras impressas na Silva Serva, de quem era representante comercial.

Vendem-se na loja da Viuva Bertrand e Filhos, ao Martyres, os seguintes livros chegados ultimamente do Rio de Janeiro: **Andrómaca**, Tragedia de Rancine, Trad. pelo Doutor Leitão: 1 vol. 4º, br. 240 réis. — Iphigenia, trad. pelo mesmo: 1 Vol. 4º, br. 240 réis — Phedra, trad.

<sup>35</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 166. Sexta-feira, 16 de julho de 1819, p. 4.

<sup>36</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 185. Segunda-feira, 7 de agosto de 1820, p. 3-4.

<sup>37</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 186. Sábado, 8 de agosto de 1818, p. 3

Manoel Joaquim da Silva Porto: 1 vol. 4<sup>o</sup>, br. 240 réis — As Cantatas de F. B. Rosseau, trad. pelo mesmo: 1 vol. 4<sup>o</sup>, br. 240 réis — Elogio por ocasião do fausto e glorioso sucesso das Armas Portuguezas contra os Insurgentes de Pernambuco, composto pelo mesmo: 50 réis — Os compendios de Materia Medica e de Medicina Pratica feitos por ordem de Sua Magestade, e organizados pelo Doutor Bomtempo: 2 vol. 4<sup>o</sup>, que se vendem separadamente a 960 réis br.<sup>38</sup>

O *Andrômaca* não foi impresso no Rio de Janeiro, como diz o anúncio, mas na Bahia. O anúncio de 1818 foi reforçado em 1820, desta vez disponibilizando exemplares também no Porto:

Na loja de livros da Viuva Bertrand e Filhos, aos Martyres N<sup>o</sup> 45, se achão á venda as seguintes Traducções em verso Portuguez do Dr. Antonio José de Lima Leitão, a saber: As Bucólicas, as Georgicas, e os primeiros seis cantos da Eneida, de Virgilio, em 8<sup>o</sup> 2 vol. 1819, 1:920 rs. br. — **Andrômaca** e Iphigenia, Tragedias de Racine, em: 4<sup>o</sup> 1816 e 1817, br. a 240 rs., e a 300 rs. — As Cantatas do J. B. Rousseau, em 4<sup>o</sup> 1816, br. 240 rs.; e assim também a Traducção em verso da Phedra de Racine, por Manoel Joaquim da Silva Porto, em 4<sup>o</sup> 1816, 240 rs. br. — Estes mesmos livros se achão no Porto, por iguaes preços, na loja de Antonio Gonçalves Guimarães, rua dos Caldeireiros N<sup>o</sup> 17.<sup>39</sup>

A Viúva Bertrand, em 1844, disponibilizou também o *Atalá, ou os amores de dous selvagens no deserto, por Chateaubriand: traduzido em linguagem Portugueza por \*\*\**; em 12<sup>o</sup> 1819, — 120 rs. br.<sup>40</sup> Essa é, sem dúvida, a edição baiana, confirmada pela data e pelo título. A tradução lisboeta da obra de François Auguste de Chateaubriand foi impressa em português, pela primeira vez, com o título de *Atalá ou os amantes do deserto*, sendo publicada na Officina de João Rodrigues Neves em 1810. A referida tradução, feita pelo pedreiro-livre Filippe Ferreira de Araújo e Castro, confrade de Diogo Soares da Silva e Bivar na Sociedade Literária Tubuciana (1802), foi escusada e suprimida por despacho do Santo Ofício de 30 de outubro de 1812. Hipólito da Costa, o mais influente pedreiro-livre luso-brasílico naquele tempo, usou o *Correio Braziliense* para defender a versão de Araújo Castro e, por sua diligência, a *Atalá* teve a tradução corrigida e reimpressa em Londres em 1818.<sup>41</sup> A tradução feita na Bahia é diferente daquela que foi impressa em Lisboa e Londres e foi feita, muito possivelmente, por diligência de Silva Bivar em 1816, então prisioneiro no Forte de São Pedro em Salvador. O Catálogo da Viúva Bertrand demonstra que a Tipografia de Serva não apenas

<sup>38</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 81. Terça-feira, 7 de abril de 1818, p. 4.

<sup>39</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 100. Sexta-feira, 28 de abril de 1820, p. 4.

<sup>40</sup> *Catalogo d'alguns livros que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros de sortimento, e se vendem na sua loja, junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N<sup>o</sup> 45, em Lisboa. N. 2. Miscellanea*. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1844, p. 2.

<sup>41</sup> *Correio Braziliense*, v. IX, n. 53, p. 590-595, outubro, 1812.

imprimiu um livro cujo texto estava suprimido pelo Santo Ofício, mas também o remeteu para ser vendido no Reino.

No mesmo Catálogo Bertrand de 1844, além da tradução baiana da *Atalá* também consta a *Andromaca* de Lima Leitão, por 240 réis.<sup>42</sup> O Catálogo Bertrand de 1843 traz três obras médicas impressas na Silva Serva, traduzidas, respectivamente pelo professor Manoel José Estrela, José Lino Coutinho e Manoel Joaquim Henriques de Paiva:

**Observações fysiologicas sobre a Vida e a Morte: obra de Xavier Bichat: 3ª edição, que do Francez verteo em vulgar, com notas conformes á theoria Browniana, Manoel José Estrella;** em 4º 1816, — 720 rs. br.

**Observações sobre as affecções Catarraes em geral, e particularmente sobre as que são conhecidas com o nome de defluxos do cerebro, e defluxos do peito, por Cabanis; traduzidas, e annotadas por J. Lino;** em 4º 1816, — 240 rs. br.

**Prospecto de hum systema simplissimo de Medicina, ou illustração, e confirmação da nova Doutrina Medicade Brown, pelo Dr. Weikard: traduzido do Alemão em Italiano com as annotações do Dr. Frank, e em Portuguez, com outras annotações, pelo Dr. Manoel Joaquim Henriques de Paiva;** em 8º 2vol. 1816, — 960 rs.<sup>43</sup>

Os livros de medicina, aliás, também tinham boa procura no começo do século XIX. A Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva não ignorou isto e esse foi um dos principais filões na sua primeira fase entre 1812 e 1819. Além do *Osteologia Prática*, que estava disponível no Reino desde 1813, outros livros de medicina impressos na Bahia foram às prateleiras das livrarias de Lisboa e Coimbra

Sahio á luz: **Memorias Physiologicas e Praticas sobre o Aneurisma, e a Ligadura das Artérias; com figuras. Traduzidas do Francez de J. P. Maunoir,** por José Pedro Soares, Lente de Anatomia, e Medicina Operatoria na Cidade da Bahia. Vende-se por 300 réis na loja de Carvalho, defronte da rua de S. Francisco, abaixo dos Martyres, e na de João Henriques, na rua Augusta N.º 1.<sup>44</sup>

Sahio á luz: **Prospecto de hum Systema Simplicissimo de Medicina; ou Illustração e Confirmação da nova Doutrina Medica de Brown; pelo Doutor Weikard; e annotações**

<sup>42</sup> *Catalogo d'alguns livros que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros de sortimento, e se vendem na sua loja, junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N.º 45, em Lisboa. N. 2. Miscellanea.* Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1844, p. 2.

<sup>43</sup> *Catalogo d'alguns livros que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros de sortimento, e se vendem na sua loja, junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N.º 45, em Lisboa. N.3. Sciencias e arte.* Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1843, p. 11 e 13.

<sup>44</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 164. Sexta-feira, 14 de julho de 1815, p. 4.

**de Frank; e agora traduzido e ampliado por Manoel Joaquim Henriques de Paiva**, em 8<sup>o</sup> 2 volumes, preço encadernados 1:600 réis: vende-se na loja de Pedro e Jorge Rey, Mercadores de livros, aos Martyres N<sup>o</sup> 19.<sup>45</sup>

**O Manual de Medicina, e Cirurgia pratica fundada sobre o systema de Brown, pelo Dr. Weikard, traduzido e anotado por Manoel Joaquim Henriques de Paiva**, em 4 vol. de 8<sup>o</sup>, preço 1920 réis; e o **Prospecto de hum systema simplissimo de Medicina do dito Weikard, traduzido pelo mesmo Manoel Joaquim Henriques de Paiva**, em 2 vol. de 8<sup>o</sup>, preço 960 réis: vendem-se em Lisboa na loja de Bertrand, aos Martyres; e tambem em Coimbra, e em Lamego.<sup>46</sup>

Das *Memórias Physiologicas de Maunoir*, n<sup>o</sup> 66 no catálogo de Berbert de Castro, existem dois exemplares conhecidos. O *Prospecto* e o *Manual de Medicina* foram anotados por Manoel Joaquim Henriques de Paiva, que nasceu na cidade de Castelo Branco, região da Beira Baixa, em 23 de dezembro de 1752. Era filho do boticário português Antônio Ribeiro de Paiva e de Isabel Henriques Aires. Recebeu carta de cirurgia em 1744, tendo atuado como boticário no Hospital Real Militar e Ultramar, na cidade do Rio de Janeiro. Um dos seus irmãos, José Henriques Ferreira, foi comissário do físico-mor e médico do presídio em Salvador e primeiro médico do Hospital Real Militar e Ultramar, no Rio de Janeiro. Permaneceu no Brasil mesmo após a Independência e faleceu em 10 de março de 1829, em Salvador. Ainda é possível encontrar alguns exemplares dos seus livros impressos na Bahia. Os volumes 3 e 4 do *Manual de Medicina*, aliás, já foram impressos pela Tipografia de Serva, e Carvalho. O conjunto composto por quatro volumes ainda estava disponível em 1828 na Loja de Francisco Xavier de Carvalho por 1\$920 réis.<sup>47</sup> Ainda em 1831 poderiam ser encontrados exemplares na Loja de João Henriques, na rua Augusta, em Lisboa, também por 1\$920 réis. Na loja de João Henriques existiam exemplares impressos na Bahia em 1816 das *Visitas do Santissimo Sacramento*, e *Maria Santissima para todos os dias do mez, accrescentadas nesta nova edição de muitas orações*, em 12 por 300 réis, cujo único exemplar conhecido está na Biblioteca Nacional de Lisboa.<sup>48</sup>

Houve uma obra médica publicada que teve sua tiragem inteiramente distribuída pelo próprio autor. O impresso servia para a divulgação de um produto químico e seu autor, José Joaquim de Castro, não queria ganhar dinheiro vendendo seu livro. Queria lucrar com a venda de Água da Inglaterra e parecia saber que a propaganda era a alma do negócio:

<sup>45</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 94. Quarta-feira, 22 de abril de 1818, p. 4.

<sup>46</sup> *Diário do Governo*, n. 16. Sábado, 18 de janeiro de 1823, p. 110.

<sup>47</sup> CARVALHO, Francisco Xavier de. *Catalogo dos livros que se achão de venda em Lisboa, na loja de Francisco Xavier de Carvalho, ao Chiado, defronte da Rua de S. Francisco*. Lisboa: na Typographia Rollandiana, 1828, p. 14.

<sup>48</sup> HENRIQUES, João. *Catalogo dos livros que se vendem na loja de João Henriques, na Rua Augusta N.º 1*. Lisboa: Na Typografia de Bulhões, 1831, p. 35.

Sahio à luz: **Memoria sobre a Excellencia, Virtudes, e uso medicinal da verdadeira Agua de Inglaterra**, da invenção do Doutor Jacob de Castro Sarmento, actualmente preparada por José Joaquim de Castro, na sua Real Fabrica, por Decretos de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor: ordenada pelo Doutor Manoel Joaquim Henriques de Paiva.— Esta Memoria se offerece a todos os Senhores Facultativos deste Reino, e seus Domínios, sendo entregue aos de Lisboa em suas proprias casas; e porque pode ignorar-se a habitação de alguns dos ditos Senhores podem, os que quizerem, mandar buscar a dita Memoria a casa de José Joaquim de Castro, na rua nova de S. Mamede N<sup>o</sup> 25, indo do largo de Caldas para o Correio Velho: aos mais do Reino, e seus Domínios será entregue pelos correspondentes do dito Castro.<sup>49</sup>

Não sabemos tratar-se da edição baiana de 1815 ou da sua reimpressão lisboeta de 1816. Não é conhecido nenhum exemplar impresso pela Serva e por essa razão não conhecemos a colação do livro. A colação da edição de Lisboa é x-49 páginas. Além da *Gazeta de Lisboa*, o *Jornal de Coimbra* também anunciou sua oferta, indicando, inclusive, o local da impressão:

**Memoria sobre a Excellencia, Virtudes, e uso medicinal da verdadeira Agua de Inglaterra**, da invenção do Doutor Jacob de Castro Sarmento, actualmente preparada por José Joaquim de Castro: ordenada por M. J. H. P.; impressa na Bahia; e reimpressa agora em Lisboa. Em 4to. pp. 49 — Offerece-se gratuita a todos os Facultativos do Reino, ou em Lisboa, ou nos Correspondentes do dito Castro.<sup>50</sup>

É válido sublinhar que o impresso foi oferecido aos interessados mesmo nos “Domínios”, ou seja, mesmo para os correspondentes que viviam no império ultramarino português. A razão disto é que a Água de Inglaterra foi um dos “remédios de segredo” mais em voga durante o século XVIII. Pelo nome de Água de Inglaterra eram conhecidos vários preparados farmacêuticos, produzidos por diferentes fabricantes desde finais do século XVII às primeiras décadas do século XIX, e que apresentam em comum, além do nome, o fato de serem vinho de quina. Esses preparados eram utilizados para o tratamento do paludismo, doença que atingia um grande número de indivíduos e existindo endemicamente em várias regiões de Portugal.

A importância medicinal da Água de Inglaterra reside principalmente no seu efetivo valor terapêutico, pelo fato de a quinina ser o seu princípio ativo mais importante, constituindo o mais antigo quimioterápico ainda em uso. Era um medicamento popular, amplamente conhecido e divulgado. Numa primeira fase era importada da Inglaterra, de onde Fernando Mendes (?-1724), o seu introdutor em Portugal, a enviava. Seguiu-se-lhe Jacob de Castro Sarmento (1691-1762) que montou uma verdadeira rede de distribuição da Água de

<sup>49</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 142. Segunda-feira, 17 de junho de 1816, p. 4.

<sup>50</sup> *Jornal de Coimbra*, v. IX, p. II, n. XLVI, Lisboa, Imprensa Régia, 1816, p. 283.

Inglaterra em Portugal. Gradualmente foram surgindo produtores locais que ampliaram a produção de forma a satisfazer a demanda. Com o isolamento da quinina por Pierre Joseph Pelletier (1788-1842) e Joseph Bienaimé Caventou (1795-1877) em 1820 e a sua substituição pelo sulfato de quinina, a Água de Inglaterra perdeu a importância que teve no século XVIII. O livro de Henriques Paiva foi, não obstante, um sucesso, pois foi necessário fazer outra edição na Impressão Régia de Lisboa em 1816 e continuou a ser publicado até 1845. Hoje, infelizmente, não foi possível localizar nenhum exemplar impresso na Bahia.

José Joaquim de Castro não foi o único a distribuir exemplares. Antes, como hoje, era comum os autores terem direito a determinado número de exemplares que distribuía entre instituições ou amigos. No caso dos impressos da Tipografia de Silva Serva não foi diferente. Antonio José Osório de Pina Leitão, o autor da *Alfonsiada*, remeteu exemplares do seu livro para Portugal. Cavaleiro da Ordem de Cristo, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, tornou-se Desembargador da Relação da Bahia em 1820, sendo notório bajulador de autoridades. Pina Leitão antes de seguir para a Bahia publicou em Lisboa a *Elegia na morte do Serenissimo Senhor D. José Príncipe do Brasil*, na Officina de Antonio Gomes, em 1788, e a *Tradução livre, ou imitação das Georgicas de Virgilio, e outras mais composições poéticas*, na Typ. Nunesiana em 1794, que dedicou ao ministro José de Seabra da Silva.<sup>51</sup> Já na Bahia, continuou sua carreira bajulatória publicando também a *Ode pindarica* oferecida ao conde dos Arcos e a *Ode pindarica oferecida a Elrei o sr. D. João VI na sua gloriosa acclamação*, em 1817 e 1818, respectivamente.

De Pina Leitão possuímos uma carta autógrafa manuscrita, remetida ao conde de Rio Maior, António de Saldanha de Oliveira e Sousa (1776-1825), na qual o poeta confirma o hábito dos autores, ainda no período colonial, de presentear suas contrapartes com exemplares dos seus livros. Segue o texto do manuscrito na íntegra:

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Não tenho a honra de conhecer a V. Ex.<sup>ca</sup> pessoalmente, nem a de ser por V. Ex.<sup>ca</sup> conhecido, mas o respeito, que a muito tempo tributo ás suas emminentes virtudes, e talentos litterarios, será bastante p.<sup>a</sup> tornar desculpada a liberdade, que tomo, de offercer, como offereço, a V. Ex.<sup>ca</sup> hum exemplar do Poema Heróico, intitulado — **Alfonsiada** — que ora acabo de dar á luz. Ainda que não seja senão por contemplação á grandeza do assumpto, dignise V. Ex.<sup>ca</sup> de o honrar com a sua aceitação, desculpando, como sabio, e como justo, os inumeraveis defeitos, de que apparece revestido, como nascidos, em parte das pequenas luzes e acanhado genio do seu Author, e em parte da impossibilid.<sup>e</sup> em que este se achava, de o produzir, não digo perfeito, porque o não podem ser as obras que sahem das maons dos homens, mas menos defeituoso, e mais digno da estima publica, em razão de ter sido por elle emprehendido e trabalhado no

<sup>51</sup> SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859, v. 1, p. 174.

meio do fastidioso labirinto da carreira da Magistratura, a que o dedicavão desde os primeiros annos.

Queira V. Ex.<sup>ca</sup> tambem por sua bondade facilitar-me muitas occasioens de me empregar no seu honrosissimo serviço, fazendome a graça de acreditar que nada me he mais precioso, do que a gloria de ser, como sou, com os sentimentos da mais decidida veneração, e affecto.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. de V. Ex.<sup>ca</sup>

Sincero respeitador e humil.<sup>mo</sup> criado

B.<sup>a</sup> 23 de Maio de 1819

Antonio Joze Ozorio de Pina Leitão<sup>52</sup>

Lisboa e Coimbra podem ter concentrado a venda de livros médicos baianos, mas era no Porto que se podia encontrar um livro singular:

Na casa da Gazeta de Lisboa na Cidade do Porto, á Praça de S. Thereza Nº 12, se acha á venda = **Tratado de operações de Banco, ou Directorio de Banqueiros = extrahido dos melhores Autores**, por Antonio Thomas de Negreiros, e impresso na Cidade da Bahia. A mesma obra se faz útil nos Escriptorios de Commercio pelas operações que em si contém de Cambios, e saques de Letras, segundo os usos das Praças.<sup>53</sup>

Nascido no Porto a 12 de abril de 1786, *Antônio Tomás de Negreiros* já vivia na Bahia por volta de 1815. Foi o editor do periódico baiano *O Baluarte Constitucional*, que saiu pela primeira vez a 31 de julho de 1822, suspenso, contudo, em dezembro do mesmo ano. Em 1824 foi assinalado como um dos “portugueses solteiros e perversos” que integraram os batalhões lusitanos que se alinharam ao general Madeira de Melo.<sup>54</sup> Por isso, retornou após a Guerra de Independência da Bahia. Em 1859, segundo Inocêncio, Negreiros ocupava o cargo de administrador da caixa filial do Banco de Portugal na cidade do Porto.<sup>55</sup>

Outros impressos da Serva são uma incógnita, pois não conhecemos nenhum exemplar. A *Gazeta de Lisboa* anunciou que “Vende-se na loja da Viúva Bertrand, e Filhos a **Pauta do Afforamento de Alfandega da Bahia**, por 480 réis”.<sup>56</sup> Esse livro não consta no catálogo de Berbert de Castro e é mais uma servina de que, atualmente, ninguém sabe e ninguém viu. O mesmo impresso aparece em outros dois anúncios com algumas variantes no título, mas assinalando que teve prelo na Bahia:

<sup>52</sup> Coleção particular do autor. *Carta manuscrita de Antônio José Osório de Pina Leitão, Magistrado na Bahia e Autor do Poema Heróico “Alfonsiada”, para o Conde de Rio Maior*. Bahia, 23 de maio de 1819.

<sup>53</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 205. Segunda-feira, 31 de agosto de 1818, p. 4.

<sup>54</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 54. Quarta-feira, 3 de março de 1824, p. 3.

<sup>55</sup> SILVA, Innocencio Francisco da Silva. *Diccionario bibliographico portuguez*, op. cit., 1867, v. 8, p. 314.

<sup>56</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 240. Quarta-feira, 11 de outubro de 1815, p. 4.

Sahio á luz a segunda impressão correcta e accrescentada, com hum Indice geral dos Jogos, do Passatempo honesto e familiar, ou collecção de quarenta e oito Jogos geralmente conhecidos pela denominação de Jogos de Prendas, etc.: vende-se por 320 réis br. em casa de F. B. O. de M. Mechas, no largo do Caes do Sodré N<sup>o</sup> 3A, onde igualmente se vendem os folhetos seguintes: O Dia, Poema, 8.<sup>o</sup>, 80 réis br. — As Saudades de Belmiro, Pastor do Graça, e Descrição Poetica, em verso lyrico; 8.<sup>o</sup>, 360 réis br. — **Pauta da Alfandega da Bahia, ou Taboa das avaliações por onde pagão os Reaes Direitos as mercadorias e generos na sobredita Alfandega, etc;** Bahia 1815, 4.<sup>o</sup>, 480 réis br.<sup>57</sup>

O anúncio abaixo parece dar o título mais completo:

As Tragédias de Racine (sic), Impressas e 8.<sup>o</sup> grande, **Andrómaca**, Iphigenia, e Phedra; **Pauta da Alfandega da Bahia, ou Taboa de Avaliações por onde pagão os Reaes Direitos estabelecidos os Generos, e Mercadorias e gêneros que dão entrada naquella Alfandega:** — Vendem-se as tres Tragédias a 240 réis cada huma, e a Pauta por 480 réis, tudo em brochura, nas lojas de Bertrand, aos Martyres; de Carvalho, defronte da rua de S. Francisco; de A. P. Lopes, ao cimo da rua do Ouro; e de João Henriques, na rua Augusta N<sup>o</sup> 1.<sup>58</sup>

Livros jurídicos também eram bastante procurados. Encontramos o anúncio de que “Na loja de João Nunes Esteves, rua do Ouro N<sup>o</sup> 234 se vende a **Pratica Criminal do Foro Militar para as Auditorias, e Conselhos de Guerra**”.<sup>59</sup> O livro de Carlos de Magalhães Castello Branco foi impresso pela primeira vez em Lisboa por J. Rodrigues Neves em 1805, com 210 páginas, sendo reimpresso por Silva Serva em 1815, contando 198 páginas. Não temos, contudo, como saber se o livro anunciado era da lavra da Serva ou se era a terceira edição feita pela Imprensa Régia de Lisboa, em 1819, que contava 216 páginas.

Apesar de os livros de cunho religioso não estarem entre os mais vendáveis, continuavam sendo enviados da Bahia para Portugal:

Sahio á luz: **Manual da Religião Christá, e Legislação Criminal Portugueza, ou Codigo da Mocidade, dividido em dez Lições segundo o Decalogo, e as Classes dos Crimes, por onde os pais de familias, e as demais pessoas encarregadas da educação dos meninos, devem ensinillos, para que aprendão com proveito desde os seus tenros annos o que deve saber essencialmente o Christão e o Cidadão Portuguez para ser verdadeiramente feliz, que á Nação Portugueza offerece o Bacharel J. P. B. V. S.:** vendes-se em casa de F. B. O. de M. Mechas, ao Caes do Sodré; e na loja de Bertrand, aos Martyre; de Carvalho, defronte da

<sup>57</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 143. Sexta-feira, 19 de junho de 1818, p. 4.

<sup>58</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 243. Quarta-feira, 14 de outubro de 1818, p. 4.

<sup>59</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 131. Sexta-feira, 4 de junho de 1819, p. 3.

rua de S. Francisco; de A. P. Lopes, a rua do Ouro; de Carvalho, ao Pote das Almas, de João Henriques, ao fundo da rua Augusta; e na de A. M. Polycarpo da Silva, junto ao Senado.<sup>60</sup>

Livros que há para vender em casa de F. B. O. de M. Mechas, no largo do Caes do Sodré Nº 3 A — **Manual da Religião Christá, e Legislação Criminal Portugueza, ou Codigo da Mocidade, dividido em dez Lições segundo o Decalogo, e as Classes dos Crimes, por onde os pais de familias, e as demais pessoas encarregadas da educação dos meninos, devem ensinillos, para que aprendão com proveito desde os seus tenros annos o que deve saber essencialmente o Christão e o Cidadão Portuguez para ser verdadeiramente feliz, que á Nação Portugueza offerece o Bacharel J. P. B. V. S. Bahia, 8º 120 réis br.**<sup>61</sup>

Dentre os livros religiosos impressos por Silva Serva podia-se encontrar em Lisboa *O Verdadeiro modo de confessar-se bem, com hum rigoroso Exame de Consciência, e huma breve Instrução para dignamente commugar*:

Sahio á luz hum Livrinho intitulado: O Mez de Maio, consagrado a Maria Santíssima, com o Exercicio de varias flores de Virtudes, propostas aos verdadeiros Devotos seus, para se praticarem nas casas dos Pais de Familias, e nos Mosteiros, etc. Vende-se por 120 réis em papel, e 180 réis em brochura nas lojas de Carvalho e Bertrand, aos Martyres; na de Antonio Manoel Polycarpo da Silva, á Real Praça do Commercio; e na do Livreiro em Alcantara; e no Porto, na de Costa Paiva e Companhia: nas mesmas lojas se vendem também os livros seguintes: **O Verdadeiro modo de confessar-se bem, com hum rigoroso Exame de Consciência, e huma breve Instrução para dignamente commugar**: Obra de Fr. Vicente de Vicencia, e traduzida da Sexta Edição Italiana. — Actos Praticos de Fé, Esperança, e Amor de Deos, com huma Collecção de Motivos fortes para viver, e morrer como bom Christão; De Fr. Caetano Maria de Bergamo, Capuchinho; vertido de italiano cm Portuguez pelo P. M. J. F., com hum breve, e util acerescimo.<sup>62</sup>

O *Verdadeiro modo* de frei Vicencia teve uma edição lisboeta pela Rollandiana, em 1807. O livrinho de devoção indicado no anúncio da Gazeta de Lisboa em 1816 deve ser, contudo, o que Serva imprimiu na Bahia em 1812. Dessa edição da Silva Serva existe um único exemplar identificado na coleção de Borba Moraes, que hoje está sob a guarda da Biblioteca Brasileira José e Guita Mindlin. Na Loja de Antonio Henrique Marques estava disponível um *Catecismo da Diecese de Montpellier para por elles se ensinar a Douctrina Christá aos Meni-*

<sup>60</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 103. Sábado, 2 de maio de 1818, p. 4.

<sup>61</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 73. Sábado, 28 de março de 1818, p. 4.

<sup>62</sup> *Gazeta de Lisboa*, n. 46. Quinta-feira, 22 de fevereiro de 1816, p. 4.

*nos: bom papel*: 8<sup>o</sup> — 200 reis.<sup>63</sup> A edição baiana de 1817 tem uma gralha tipográfica em que *Diocese* aparece como *Diecese*, como foi reproduzida no Catálogo da livraria de Henrique Marques. O único exemplar conhecido pertenceu a Borba Moraes e hoje está na Biblioteca Mindlin.

Na Loja de João Henriques, na rua Augusta, além do *Manual de Medicina*, já acima mencionado, encontramos no seu *Catálogo* de 1831 mais quatro servinas, abaixo indicadas:

**Pauta da Alfandega da Bahia, novamente accrescentada, reformada, e corregida, segundo o Tratado de Amizade, Commercio, e Navegação de 19 de Fevereiro de 1811.** 1 Vol 4. br... 480

**Pratica Criminal do Foro Militar para os Auditores, por Castello-Branco, 8.** 1 vol... 480  
**Manual da Religião Christá, e Legislação Criminal Portugueza, ou Codigo da Mocidade, para ser verdadeiramente feliz, que á Nação offerece o Bacharel J.P.V.S.** Bahia, em 8. br...120

**Memorias Fysicas e Praticas sobre o Aueurisma (sic), por José Soares da Costa, 1. vol.** 8. br... 300<sup>64</sup>

Os anúncios demonstram que ao menos 29 títulos foram enviados da Tipografia de Serva para as livrarias portuguesas. O número de títulos pode ter sido maior, mas o conjunto identificado nos anúncios transcritos é assinalado com os mais importantes livros publicados em Salvador entre 1811 e 1819. A dispersão geográfica das servinas, por meio do comércio, permitiu que alguns dos seus exemplares fossem preservados, o que possibilita aos historiadores recontar parte da história dos impressos na capitania da Bahia. Quem eram, entretanto, os livreiros portugueses que vendiam servinas?

## Os comerciantes das servinas em Portugal

Alguns dos livreiros que disponibilizavam as servinas em Portugal são bem conhecidos dos historiadores do livro e dos bibliófilos. Em Coimbra, a principal livraria a vender os títulos da Serva foi a de J. P. Aillaud e sua história é bem conhecida. João Pedro Aillaud, natural de Monestier, que se sabia estabelecido em Coimbra no princípio da década de 1770, associou-se ao livreiro João Baptista Reycend, formando a sociedade *João Baptista Reycend & Companhia* em janeiro de 1771. Reycend entrou com o capital e Aillaud apenas com sua

<sup>63</sup> SILVA, Antonio Marques. *Catalogo dos livros que Antonio Marques da Silva mandou imprimir, e de outros que tem em sortimento, e se vendem na sua loja na Rua Augusta N.º 2, em Lisboa*. Lisboa: Typographia da viuva de J. A. S. Rodrigues, 1842, p. 4.

<sup>64</sup> HENRIQUES, João. *Catalogo dos livros que se vendem na loja de João Henriques, na Rua Augusta N.º 1*, op. cit., p. 32, 33 e 39.

“boa admenistração (sic) e trabalho”, na condição de segundo sócio, sendo Reycend o único com capacidade para representar a firma, assinar e assumir compromissos. Aillaud ganhava o seu ordenado, mais a alimentação, além de receber a terça parte dos lucros, ficando a viver na casa de Reycend. Em 1776, deveriam modificar-se essas condições, assumindo Aillaud a plenitude da sua parte, podendo assinar em nome da sociedade. Contudo, a firma não completou dois anos de existência, sendo amigavelmente desfeita entre os sócios em outubro de 1772. Ainda nesse ano, João Pedro Aillaud fixa-se definitivamente em Coimbra, onde fundou sua ilustre livraria.<sup>65</sup>

A cidade onde havia mais livreiros a vender obras da Silva Serva era mesmo Lisboa. Manoel Antonio Policarpo da Silva foi o primeiro livreiro que encontramos a vender as servinas. Em fins do século XVIII, Policarpo era administrador da Loja da Gazeta e em 1796 era procurador do livreiro Bernardo José Agostinho de Campos, que negociava livros na Capitania de Pernambuco.<sup>66</sup> Também lhe é atribuído a autoria de *O Piolho Viajante*, obra portuguesa publicada em 1802, que foi um dos livros mais lidos no Brasil do século XIX. A história é narrada por um piolho que viaja por 72 cabeças as mais diversas, satiriza os costumes da sociedade portuguesa do final do século XVIII e início do século XIX. Lançada inicialmente em folhetos semanais anônimos veio a ser reunida em volumes em 1821, onde consta pela primeira vez o nome de Policarpo da Silva.

Em Lisboa, destaca-se F. B. O. de M Mechas que aparece nas páginas da Gazeta de Lisboa oferecendo os exemplares das servinas. Essas iniciais ocultam o nome do livreiro, editor e autor Francisco Baptista Oliveira de Mesquita, o *Mechas*. Segundo Inocêncio, nasceu na província da Beira, de pais pobres, e seguiu para Lisboa em busca de fortuna pelos anos de 1804. O seu primeiro negócio foi o comércio das mechas, de que poucos leitores hoje podem fazer ideia do que é, mas que era mais ou menos comparável ao que tem sido modernamente o fósforo. Conseguiu naquele negócio lucros que em breve o habilitaram para estabelecer-se com uma casa de compra e venda de livros novos e usados, a qual teve em Lisboa por alguns anos, “e nella ganhou com que sustentar-se e á sua família, estendendo e generalizando o seu commercio até ás provincias ultramarinas”.

Ainda segundo Inocêncio, Mechas comprava restos de edições e fazia outras por sua conta, tendo alguns da sua própria lavra, apesar de não possuir formação elevada. Mostrou-se no período constitucional de 1820 a 1823 afeiçoado às doutrinas liberais e Inocêncio crer que disso “lhe proveio tal ou qual perseguição, que o obrigou a largar o trafico, e não sei se a

---

<sup>65</sup> DOMINGOS, Manuela D. *Livreiros de Setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000, p. 106-107, 114-117, onde publica em anexo o registro notarial firmado entre João Baptista Reycend e João Pedro Aillaud a 24 de janeiro de 1771. LOUREIRO, J. P. *Livreiros e livrarias de Coimbra do século XVI ao século XX*. Coimbra: Biblioteca Municipal, 1954 [Sep. Do Arquivo Coimbrão, v. 12].

<sup>66</sup> VERRI, Gilda Maria Whitaker. *Tinta sobre papel: Livros e Leituras em Pernambuco no século XVIII 1759-1807*. Recife: UFPE, 2006, v. 1, p. 463.

homisiar-se, ou a emigrar”.<sup>67</sup> Foi o Mechas, por meio de um requerimento, quem exortou as Cortes de Lisboa a fazer executar a Lei, determinada pelo Alvará de 12 de setembro de 1805, que obrigava as tipografias remeter dois exemplares de todas as obras e papéis impressos no Reino à Biblioteca Pública de Lisboa. Isto foi ratificado por uma portaria de 16 de março de 1821.<sup>68</sup>

A Viúva Bertrand, outra revendedora de servinas, chamava-se Maria Clara Rey du Monétier e havia sido casada com João José Bertrand. Originários da França, foram para Portugal enquanto ainda era vivo D. João V. Teria nascido por volta de 1732, pois afirmava ter 77 anos em 1809, sendo que os filhos do casal já nasceram em Lisboa, tendo já alguns falecidos, deixando netos. Após a morte do marido continuou o negócio dos livros com seu filho Jorge Bertrand. José Cornide afirmou, ainda no século XVIII, que a livraria da senhora Bertrand era uma das cinco melhores de Lisboa.<sup>69</sup> Maria Clara Rey era irmã do livreiro Jorge Rey, que também vendia servinas.<sup>70</sup>

Dois padrões podem ser percebidos entre os livreiros portugueses que revendiam os impressos baianos. Primeiro, parece que nenhum deles dispunha dos pequenos folhetos da Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva em suas livrarias, preferindo vender os livros mais encorpados, que alcançavam melhores preços. Não foi possível encontrar na Gazeta de Lisboa ou nos periódicos de Coimbra e do Porto, bem como nos catálogos consultados, anúncios dos pequenos folhetos, orações, prospectos e relações publicadas pela Silva Serva. Ainda no primeiro anúncio datado de setembro de 1813 foi possível encontrar as duas *Observações* de José da Silva Lisboa, e em outra ocasião o *Manual da Religião Christã*, todos com menos de 100 páginas, mas, em seguida, apenas as obras mais volumosas, com mais de 100 ou 200 páginas, foram oferecidas aos leitores do Reino. Qual a razão disso? O mercado de impressos baianos poderia consumir local ou regionalmente os folhetos menores entre 50 e 200 réis. Eram menores e, portanto, mais baratos. Vale lembrar que um folheto do José Cortez Sol Posto, *Affectos do Amor Fino*, teve esgotado na Bahia três edições entre 1811 e 1812, apesar de hoje não ser conhecido nenhum exemplar.

A segunda observação consiste no fato de que após a morte de Manoel Antonio da Silva Serva no Rio de Janeiro em 1819, bem como pela ruptura política entre Brasil e Portugal, causada pelo processo de Independência que culminaria na Guerra da Bahia, que durou até julho de 1823, as servinas parecem ter escasseado no Reino. Não foi possível encontrar ofertas

<sup>67</sup> SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*, op. cit., 1870, v. IX, p. 267-268.

<sup>68</sup> *Collecção dos decretos, resoluções e ordens das Cortes geraes, extraordinarias e constituintes da nação Portuguesa desde a sua installação em 1 de janeiro de 1811; Compreendendo não só o que diz respeito em geral á Nação, mas também a alguma Classe della, ou em particular em objecto mais notável. Parte I.* Coimbra: Na Imprensa da Universidade, 1822, p. 29.

<sup>69</sup> ABASCAL, Juan Manuel; CEBRIÁN, Rosário. *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madri: Real Academia de Historia, 2009, p. 121.

<sup>70</sup> DOMINGOS, Manuela D. *Livreiros de Setecentos*, op. cit., p. 191, onde publica em anexo a petição de naturalização de Maria Clara Rey e Jorge Rey, de fevereiro de 1809.

de impressos da Viúva Serva, e Carvalho, ou da Viúva Serva nos periódicos portugueses, apesar de exemplares da Idade d'Ouro do Brasil continuarem a chegar às mãos das autoridades metropolitanas, especialmente por conta da Guerra de Independência da Bahia (1822-23).

A rede de distribuição europeia organizada por Manoel Antonio da Silva Serva, possivelmente com o auxílio de Manoel José da Silva Serva, seria uma das razões que explica a maior facilidade de encontrar atualmente no mercado de livros raros algumas obras da primeira fase da tipografia baiana entre 1811 a 1819. As servinas das fases subsequentes, entre 1821 e 1846, que não foram exportadas, são muito mais difíceis de serem encontradas. Livros como *Parafraze dos Provérbios de Salomão*, *Andrômaca*, *Alfonsiada*, o *Almanach* de 1812, o *Tratado de Operações de Banco*, *Palafox em Saragoça* e as obras de medicina da Serva foram vendidos na Europa e, talvez por conta do clima temperado, foram mais bem preservados, permitindo que mais exemplares alcancem os séculos seguintes. É possível encontrar no mercado de livros raros exemplares desses livros sem furos de bichos e sem as marcas da umidade tropical, enquanto livros impressos no Brasil entre 1850 e 1870, como primeiras edições de José de Alencar e Machado de Assis, geralmente apresentam as marcas típicas dos trópicos, ficando muitas vezes inçados de picos de insetos e tornando-se notadamente raros. A razão de encontrarmos mais livros da primeira fase da Tipografia de Silva Serva é porque eles foram retirados quase imediatamente do prelo na Bahia para diversas livrarias no Reino.

O sistema de distribuição de servinas, não obstante, também se consolidou no território imperial brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro e Pernambuco. Segundo Nireu Cavalcanti, na época em que viveu Manoel Antonio da Silva Serva, havia 23 livreiros estabelecidos no Rio de Janeiro e que “faziam parte de uma rede transnacional bastante ampla”.<sup>71</sup> Assim, é possível encontrar na Corte as servinas do fim da primeira fase da tipografia: “Em a loja do Livreiro Manoel Mandillo, se achão os *Panegyricos* recitados pelo Professor de Filosofia, e Conego da Sé do Pará, Romualdo Antonio Seixas”.<sup>72</sup> Os livros da fase subsequente da Serva também eram vendidos no Rio de Janeiro: “Sahirão á luz: *Oitavas Constitucionaes*, impressas na Bahia; vendem-se na loja de Manoel Joaquim da Silva Porto, rua da Quitanda, canto da de S. Pedro, a 120 réis”.<sup>73</sup> No Rio de Janeiro os impressos baianos eram vendidos também na loja de Silvino José d'Almeida, sita na praça da Constituição. Para Portugal, porém, não há indícios de que a rede de distribuição de servinas tenha alcançado os anos de 1820 em diante.

No que toca a questão da distribuição dos impressos baianos, em 1830, a rede de vendas de impressos baianos alcançava outros países europeus, notadamente Inglaterra, França e Espanha. Em Londres, os livros baianos eram vendidos na casa de Dulau e Companhia, na Soho Square nº 37; em Paris na casa de Mr. L'Avocat, no Palais Royal; em Marselha na casa de Mr. Sibour; no Havre na casa de Mr. Viemonte, bem como de outros livreiros da

<sup>71</sup> CAVALCANTI, Nireu Oliveira. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 146 e 147.

<sup>72</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, n. 57. Sábado, 17 de julho de 1819, p. 4.

<sup>73</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro*, n. 78. Quinta-Feira, 30 de agosto de 1821, p. 4.

Normandia. Por fim, em Gibraltar, na casa do Sr. Machado, e Companhia, além de outros livreiros daquela região.<sup>74</sup>

Encontrar livros da Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva e dos seus herdeiros é um desafio para os estudiosos de impressos baianos do século XIX. É difícil encontrar tanto em bibliotecas públicas quanto em coleções particulares. Não resta, aliás, nenhum exemplar conhecido de cerca de 25% das publicações da primeira fase da Tipografia de Serva (1811-1819). Resta, contudo, menos exemplares das servinas impressas entre 1820 e 1846, sendo, portanto, mais difíceis de serem encontradas. A existência da rede ultramarina de distribuição de livros, contudo, dá esperança aos pesquisadores de que muitos dos raros impressos oitocentistas da Bahia possam ser localizados em coleções de Portugal e de outros países europeus.

**Tabela 2.** Tabela dos livreiros de Portugal que vendiam obras impressas na tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva

Cidade	Livreiro	End.	Livros disponíveis
Lisboa	Manoel Policarpo da Silva	Arcada do Senado	<p><b>Palafox em Saragoça, Drama, por A. X. F. de A., o qual se representou no Theatro da Rua dos Condes.</b></p> <p><b>Observações sobre a Prosperidade do Estado, pelos Liberaes Principios da Nova Legislação do Brazil,</b> por José da Silva Lisboa, preço 300 réis.</p> <p><b>Observações sobre a Franqueza da Industria e Estabelecimento de Frabricas (sic) no Brazil,</b> por José da Silva Lisboa, preço 240 réis.</p> <p><b>Elementos de Osteologia Pratica: por J. S. de C. Lente de operações Cirurgicas na Bahia,</b> preço 400 réis.</p> <p><b>Flores Celestes, colhidas entre os Espinhos da Sagrada Coroa de Jesu Christo,</b> 8<sup>o</sup>, preço 400 réis.</p> <p><b>Acasos da Fortuna, ou Livro de Sortes divertidas, tiradas com dois dados, com hum methodo do fazer mais de mil decimas, e hum Tratado das Sinas novamente reimpresso,</b> preço 280 réis.</p> <p><b>Almanak da Bahia para 1812.</b></p> <p><b>Manual da Religião Christá, e Legislação Criminal Portugueza, ou Codigo da Mocidade, dividido em dez Lições segundo o Decalogo, e as Classes dos Crimes, por onde os pais de familias, e as demais pessoas encarregadas da educação dos meninos, devem ensinallos, para que aprendão com proveito desde os seus tenros annos o que deve saber essencialmente o Christão e o Cidadão Portuguez para ser verdadeiramente feliz, que á Nação Portugueza offerece o Bacharel J. P. B. V. S.</b></p>

(continua)

<sup>74</sup> *O Campeão Brasileiro*. Bahia: Typographia da Viuva Serva, 1830, p. III e IV.

(continuação)

Cidade	Livreiro	End.	Livros disponíveis
Lisboa	Manoel Policarpo da Silva	Arcada do Senado	<b>Tratado de Operações de Banco, ou Directorio de Banqueiros, extrahido dos melhores Authores por Antonio Thomás de Negreiros;</b> em 4. 1817 — 400 rs. br.
	F. B. O. de M. o Mechças	Travessa dos Romulares nº 8 A, junto ao Caes do Sodré à Ribeira nova e depois no largo do Caes do Sodré nº 3 A	<p><b>Finezas de Jesus Sacramentado, para com os homens, e ingratições dos homens para com Jesus Sacramentado;</b> pelo Padre Fr. João José de Santa Thereza.</p> <p><b>Palafox em Saragoça ou a Batalha de 10 de Agosto do anno de 1808, Drama em três actos, por A. X. F. A.</b></p> <p><b>Manual da Religião Christá, e Legislação Criminal Portugueza, ou Codigo da Mocidade, dividido em dez Lições segundo o Decalogo, e as Classes dos Crimes, por onde os pais de familias, e as demais pessoas encarregadas da educação dos meninos, devem ensinallos, para que aprendão com proveito desde os seus tenros annos o que deve saber essencialmente o Christão e o Cidadão Portuguez para ser verdadeiramente feliz, que á Nação Portugueza offerece o Bacharel J. P. B. V. S.</b></p> <p><b>Marília de Dirceo, por T. A. G., quarta edição.</b></p> <p><b>Pauta da Alfandega da Bahia, ou Taboa de Avaliações por onde pagão os Reaes Direitos estabelecidos os Generos, e Mercadorias e gêneros que dão entrada naquella Alfandega.</b></p>
	Viúva Bertrand, e Filhos	junto à Igreja de Nossa Senhora dos Martyres	<p><b>Atalá, ou os amores de dous selvagens no deserto, por Chateubriand: traduzido em linguagem Portugueza por ***;</b> em 12º 1819.</p> <p><b>Finezas de Jesu Christo para com os homens, e ingratições dos homens para com Jesus Sacramentado;</b> 1 vol. em 8º 1815.</p> <p><b>Manual do Engenheiro, ou elementos de Geometria pratica, de Fortificação, de campanha, etc. traduzida do Francez de Briche</b> 1 vol, em 4º com estampas, 1815.</p> <p><b>Viola de Lereno, ou Collecção das suas cantigas,</b> em oito folhetos.</p> <p><b>Andrómaca, tragedia de João Rancine, traduzida por Antonio José de Lima Leitão;</b> em 4º 1817, 240 rs. br.</p> <p><b>O Manual de Medicina, e Cirurgia pratica fundada sobre o systema de Brown, pelo Dr. Weikard, traduzido e annotado por Manoel Joaquim Henriques de Paiva,</b> em 4 vol. de 8º, preço 1920 réis.</p>

(continua)

(continuação)

Cidade	Livreiro	End.	Livros disponíveis
Lisboa	Viúva Bertrand, e Filhos	junto à Igreja de Nossa Se- nhora dos Martyres	<p><b>Prospecto de hum systema simplissimo de Medicina do dito Weikard, traduzido pelo mesmo Manoel Joaquim Henriques de Paiva, em 2 vol.</b></p> <p><b>Manual da Religião Christã, e Legislação Criminal Portuguesa, ou Codigo da Mocidade, dividido em dez Lições segundo o Decalogo, e as Classes dos Crimes, por onde os pais de familias, e as demais pessoas encarregadas da educação dos meninos, devem ensinallos, para que aprendão com proveito desde os seus tenros annos o que deve saber essencialmente o Christão e o Cidadão Portuguez para ser verdadeiramente feliz, que á Nação Portuguesa offerce o Bacharel J. P. B. V. S.</b></p> <p><b>Observações fysiologicas sobre a Vida e a Morte: obra de Xavier Bichat: 3ª edição, que do Francez verteo em vulgar, com notas conformes á theoria Browniana, Manoel José Estrella; em 4º 1816, — 720 rs. br.</b></p> <p><b>Observações sobre as affecções Catarraes em geral, e particularmente sobre as que são conhecidas com o nome de defluxos do cerebro, e defluxos do peito, por Cabanis; traduzidas, e annotadas por J. Lino; em 4º 1816, — 240 rs. Br.</b></p> <p><b>Pauta da Alfandega da Bahia, ou Taboa de Avaliações por onde pagão os Reaes Direitos estabelecidos os Generos, e Mercadorias e gêneros que dão entrada naquella Alfândega.</b></p> <p><b>Pauta do Afforamento de Alfandega da Bahia</b></p>
	João Henriques	Rua Augusta nº 1	<p><b>Alfonsiada, Poema Heroico da Monarquia Portuguesa, etc.</b></p> <p><b>Paráfrase dos Provérbios de Salomão, em verso Portugues.</b></p> <p><b>Pauta da Alfandega da Bahia, ou Taboa de Avaliações por onde pagão os Reaes Direitos estabelecidos os Generos, e Mercadorias e gêneros que dão entrada naquella Alfândega.</b></p> <p><b>Memorias Physiologicas e Praticas sobre o Aneurisma, e a Ligadura das Artérias; com figuras. Traduzidas do Francez de J. P. Maunoir, por José Pedro Soares. No Catálogo de 1831, José Pedro Soares aparece grafado como José Soares da Costa, e o livro custando 300 réis.</b></p> <p><b>Pauta da Alfandega da Bahia, novamente accrescentada, reformada, e corregida, segundo o Tratado de Amizade, Commercio, e Navegação de 19 de Fevereiro de 1811. 1 Vol 4. br.... 480.</b></p>

(continua)

(continuação)

<b>Cidade</b>	<b>Livreiro</b>	<b>End.</b>	<b>Livros disponíveis</b>
Lisboa	João Henriques	Rua Augusta nº 1	<b>Pratica Criminal do Foro Militar para os Auditores, por Castello-Branco, 8. 1 vol... 480.</b>  O Manual de Medicina, e Cirurgia pratica fundada sobre o systema de Brown, pelo Dr. Weikard, traduzido e annotado por Manoel Joaquim Henriques de Paiva, em 4 vol. de 8º, preço 1920 réis.  Manual da Religião Christá, e Legislação Criminal Portuguesa, ou Codigo da Mocidade, para ser verdadeiramente feliz, que á Nação offerece o Bacharel J.P.V.S. Bahia, em 8. br... 120.
	C. A. de Lemos	Rua Áurea nº 112	<b>Paráfrase dos Provérbios de Salomão, em verso Portugues.</b>
	João Nunes Esteves	Rua do Ouro nº 234	<b>Pratica Criminal do Foro Militar para as Auditorias, e Conselhos de Guerra</b>
	Casa de José Joaquim de Castro	Rua nova de S. Mamede nº 25, indo do largo de Caldas para o Correio Velho	<b>Memoria sobre a Excellencia, Virtudes, e uso medicinal da verdadeira Agua de Inglaterra.</b>
	Francisco Xavier de Carvalho	Defronte da rua de São Francisco, abaixo dos Martyres, ao Chiado	<b>Manual da Religião Christá, e Legislação Criminal Portuguesa, ou Codigo da Mocidade, dividido em dez Lições segundo o Decalogo, e as Classes dos Crimes, por onde os pais de familias, e as demais pessoas encarregadas da educação dos meninos, devem ensinallos, para que aprendão com proveito desde os seus tenros annos o que deve saber essencialmente o Christão e o Cidadão Portuguez para ser verdadeiramente feliz, que á Nação Portuguesa offerece o Bacharel J. P. B. V. S</b>  O Manual de Medicina, e Cirurgia pratica fundada sobre o systema de Brown, pelo Dr. Weikard, traduzido e annotado por Manoel Joaquim Henriques de Paiva, em 4 vol. de 8º, preço 1920 réis.  <b>Pauta da Alfandega da Bahia, ou Taboa de Avaliações por onde pagão os Reaes Direitos estabelecidos os Generos, e Mercadorias e gêneros que dão entrada naquella Alfândega.</b> <b>Memorias Physiologicas e Praticas sobre o Aneurisma, e a Ligadura das Artérias; com figuras. Traduzidas do Francez de J. P. Maunoir, por José Pedro Soares.</b>  <b>Paráfrase dos Provérbios de Salomão, em verso Portugues.</b>

(continua)

(continuação)

Cidade	Livreiro	End.	Livros disponíveis
Lisboa	Carvalho	Pote das Almas (Atual rua Nova do Almada)	<b>Manual da Religião Christá, e Legislação Criminal Portugueza, ou Codigo da Mocidade, dividido em dez Lições segundo o Decalogo, e as Classes dos Crimes, por onde os pais de familias, e as demais pessoas encarregadas da educação dos meninos, devem ensinallos, para que aprendão com proveito desde os seus tenros annos o que deve saber essencialmente o Christão e o Cidadão Portuguez para ser verdadeiramente feliz, que á Nação Portugueza offerece o Bacharel J. P. B. V. S.</b>
	Pedro e Jorge Rey	Martyres nº 19	<b>Prospecto de hum Systema Simplicissimo de Medicina; ou Illustração e Confirmação da nova Doutrina Medica de Brown; pelo Doutor Weikard; e annotações de Frank; e agora traduzido e ampliado por Manoel Joaquim Henriques de Paiva 2 volumes</b>
	Antonio Henrique Marques	Na rua Augusta, nº 2	<b>Catecismo da Diecese de Montpellier para por elles se ensinar a Douctrina Christá aos Meninos: bom papel: 8º — 200 réis.</b>
	A. P. Lopes	Rua do Ouro	<b>Manual da Religião Christá, e Legislação Criminal Portugueza, ou Codigo da Mocidade, dividido em dez Lições segundo o Decalogo, e as Classes dos Crimes, por onde os pais de familias, e as demais pessoas encarregadas da educação dos meninos, devem ensinallos, para que aprendão com proveito desde os seus tenros annos o que deve saber essencialmente o Christão e o Cidadão Portuguez para ser verdadeiramente feliz, que á Nação Portugueza offerece o Bacharel J. P. B. V. S</b> <b>Pauta da Alfandega da Bahia, ou Taboa de Avaliações por onde pagão os Reaes Direitos estabelecidos os Generos, e Mercadorias e gêneros que dão entrada naquella Alfandega.</b>
Porto	Costa Paiva e Companhia	Rua dos Mercadores nº 97 e 98	<b>Finezas de Jesu Christo para com os homens, e ingratiões dos homens para com Jesus Sacramentado; 1 vol. em 8º 1815: Manual do Engenheiro, ou elementos de Geometria pratica, de Fortificação, de campanha, etc. traduzida do Francez de Briche 1 vol, em 4º. com estampas 1815: Viola de Lereno, ou Collecção das suas cantigas, em oito folhetos.</b>
	António Luiz Barbosa	Largo do Chafariz de S. Domingos	Alfonsiada, Poema Heroico da Monarquia Portugueza, etc.
	Antonio Gonçalves Guimarães	Rua dos Caldeiros nº 17	<b>Andrómaca.</b>
	Casa da Gazeta de Lisboa na Cidade do Porto	Praça de Santa Thereza nº 12	<b>Tratado de operações de Banco, ou Directorio de Banqueiros = extrahido dos melhores Authores, por Antonio Thomas de Negreiros</b>

(continua)

(continuação)

Cidade	Livreiro	End.	Livros disponíveis
Coimbra	João Pedro Aillaud	?	<b>Alfonsiada, Poema Heroico da Monarquia Portugueza, etc.</b>
	?	?	<b>O Manual de Medicina, e Cirurgia pratica fundada sobre o systema de Brown, pelo Dr. Weikard, traduzido e annotado por Manoel Joaquim Henriques de Paiva, em 4 vol. de 8º, preço 1920 réis; e o Prospecto de hum systema simplissimo de Medicina do dito Weikard, traduzido pelo mesmo Manoel Joaquim Henriques de Paiva, em 2 vol.</b>
Lamego	?	?	<b>O Manual de Medicina, e Cirurgia pratica fundada sobre o systema de Brown, pelo Dr. Weikard, traduzido e annotado por Manoel Joaquim Henriques de Paiva, em 4 vol. de 8º, preço 1920 réis; e o Prospecto de hum systema simplissimo de Medicina do dito Weikard, traduzido pelo mesmo Manoel Joaquim Henriques de Paiva, em 2 vol.</b>

## Referências bibliográficas

*Almanach para a Cidade da Bahia Anno 1812*. Bahia: Typ. Manoel Antonio da Silva Serva, [1811]. Reedição fac-similar do Conselho Estadual de Cultura e da Secretaria de Educação e Cultura da Bahia, 1973.

*A Matraca*. Periódico Moral e Político. Por uma sociedade de litteratos sem refolho, n. 22, Lisboa, Sábado, 6 de novembro de 1847.

ABASCAL, Juan Manuel; CEBRIÁN, Rosário. *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madri: Real Academia de Historia, 2009.

ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori (Org.). *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas: Unicamp/IEL/Setor de Publicações, 2014.

ABREU, Márcia. Os Lugares dos Livros — Comércio Livreiro no Rio de Janeiro Joanino. *Floema — Caderno de Teoria e História Literária*, Vitória da Conquista, ano III, n. 5 A, p. 7-30, out. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/127/291>>.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. *Obras poeticas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage*: precedido de hum discurso sobre a vida, e escriptos deste poeta por José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Typ. de A. J. da Rocha, 1849, v. 4.

BRAGA, Teófilo. *Bocage, sua vida e época litteraria*. Lisboa: Livraria Chardron, successores Lello & irmão, 1902.

CARVALHO, Francisco Xavier de. *Catalogo dos livros que se achão de venda em Lisboa, na loja de Francisco Xavier de Carvalho, ao Chiado, defronte da Rua de S. Francisco*. Lisboa: na

Typographia Rollandiana, 1828.

CASTRO, Renato Berbert de. *A primeira imprensa da Bahia e suas publicações*: tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva, 1811-1819. Bahia: Imprensa Oficial, 1969.

*Catalogo D'alguns Livros, que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros que tem de sortimento, e se vendem na sua loja, Junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N.º 45, em Lisboa.* Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1846.

*Catalogo d'alguns livros que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros de sortimento, e se vendem na sua loja, junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N.º 45, em Lisboa.* N.º 3. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1838.

*Catalogo d'alguns livros que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros de sortimento, e se vendem na sua loja, junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N.º 45, em Lisboa.* N.º 2. Miscellanea. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1844.

*Catalogo d'alguns livros que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros de sortimento, e se vendem na sua loja, junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N.º 45, em Lisboa.* N.º 3. Sciencias e arte. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1843.

*Catalogo d'alguns Livros, que Viuva Bertrand e Filhos mandarão imprimir por sua conta, e de outros que tem de sortimento, e se vendem na sua loja, Junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N.º 45, em Lisboa.* Obras Mysticas, e Theologicas; Historia Sagrada, e Ecclesiastica; Sermonario, &c. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1846.

CAVALCANTI, Nireu Oliveira. *O Rio de Janeiro setecentista*: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

*Collecção dos decretos, resoluções e ordens das Cortes geraes, extraordinarias e constitutivas da nação Portuguesa desde a sua installação em a1 de janeiro de 1811*; Compreendendo não só o que diz respeito em geral á Nação, mas também a alguma Classe della, ou em particular em objecto mais notável. Parte I. Coimbra: Na Imprensa da Universidade, 1822.

DOMINGOS, Manuela D. *Livreiros de Setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.

HENRIQUES, João. *Catalogo dos livros que se vendem na loja de João Henriques, na Rua Augusta N.º 1*. Lisboa: Na Typografia de Bulhões, 1831.

IPANEMA, Cybelle; IPANEMA, Marcello de. *Silva Porto*: livreiro na corte de D. João, editor na independência. Rio de Janeiro: Capivara, 2007.

IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle. *A tipografia na Bahia*: Documentos sobre sua origem e o empresário Silva Serva. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1977.

LOUREIRO, J. P. *Livreiros e livrarias de Coimbra do século XVI ao século XX*. Coimbra: Biblioteca Municipal, 1954 [Sep. Do Arquivo Coimbrão, v. 12].

MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias. A palavra e o Império: a propósito de uma Arte da Grammatica impressa na Bahia em 1811. *Anais de História de Além-Mar*, CHAM, Lisboa, v.

X, p. 231-250, 2009. Disponível em: <[run.unl.pt/bitstream/10362/15891/1/AHAM%20X%20\(2009\).pdf](http://run.unl.pt/bitstream/10362/15891/1/AHAM%20X%20(2009).pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. A Parafrase dos Proverbios de Salomão: O código moral dos pedreiros livres impresso na Bahia em 1815. *Revista Portuguesa de História do Livro*, Lisboa, v. 35-36, p. 369-419, 2015.

\_\_\_\_\_. Adendo ao Catálogo de Livros Impressos na Tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva (1811-1819): Complemento ao livro *A Primeira Imprensa na Bahia e suas publicações* de Renato Berbert de Castro (1969). *Livro — Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, São Paulo, 2016, v. 6.

\_\_\_\_\_. Flores Celestes (1807): O livro secreto de José da Silva Lisboa, o visconde de Cairú. *Revista de Índias*, Madrid, v. 73, p. 789-824, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3989/revindias.2013.26>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Ignacio José de Macedo: da Idade d'Ouro ao Velho Liberal do Douro (1774-1834). *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, v. 108, p. 221-262, 2013. Disponível em: <[http://media.wix.com/ugd/e32957\\_26d995f8f5004b02a60e7af44ff1864f.pdf](http://media.wix.com/ugd/e32957_26d995f8f5004b02a60e7af44ff1864f.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

MARQUES, António Henrique R. de Oliveira. *História da maçonaria em Portugal: das origens ao triunfo*. Lisboa: Editorial Presença, 1990. 3v.

MONIZ, Nuno Pato. *Versos que à memória, e aos amigos de Victorino José Leite; com particularidade ao senhor Manoel José da Silva Serva*/N. A. P. P. M. Lisboa: na Impressão Regia, 1811.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: SCCT, 1979.

NEVES, Lúcia M. Bastos P. Impressores e Livreiros: Brasil, Portugal e França, idéias, cultura e poder nos primeiros anos do oitocentos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 451, p. 231-256, 2011.

*O Campeão Brasileiro*. Bahia: Typographia da Viúva Serva, 1830.

PAZ, Francisco Ramos. *Catálogo da Biblioteca de Francisco Ramos Paz*. Rio de Janeiro: Typ. d' Imparcial, 1920.

PINHEIRO, Virgínia Teixeira da Paz. *A Typographia Silva Serva na Biblioteca Nacional catálogo de livros raros*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.bn.br/portall/arquivos/pdf/silvaserva2.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

SERVA, Manuel Antonio da Silva. *Noticia do Catalogo de Livros, que se achão a venda em Casa de Manoel Antonio da Silva Serva na Rua de S. Pedro n. 17 o qual por hum commodo preço, como abaixo declara, attendendo a demorar-se muito pouco tempo nesta Corte*. Rio de Janeiro: Impressão Regia, 1811.

SILVA, Antonio Marques. *Catalogo dos livros que Antonio Marques da Silva mandou imprimir, e de outros que tem em sortimento, e se vendem na sua loja na Rua Augusta N.º 2, em Lisboa*. Lisboa: Typographia da viuva de J. A. S. Rodrigues, 1842.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859-1923. 23v.

*The National Magazine — July to December 1830*, v. I. Dublin: William Frederick Wakeman 19, D'Olier Street, 1830.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. *Tinta sobre papel: livros e leituras em Pernambuco no século XVIII 1759-1807*. Recife: UFPE, 2006. 2v.

VILLALTA, L. C. *Usos do livro no mundo luso-brasileiro sob as Luzes: reformas, censura e contestações*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.